

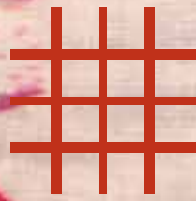


Esta arpillera es muestra de
uno de los tipos de arpilleras
que existen y pueden servir
algunos de los problemas que
abordan en esta obra
problemas de los tiempos por quienes
trabajo de arpillera para mujeres
linda de arpillera para mujeres
de arpillera para mujeres y arpillera
de arpillera para mujeres
Arpillera Heidi

Arpilleras

da resistência política chilena
de la resistencia política chilena

Heidi



Arpilleras

da resistência política chilena

de la resistencia política chilena



MEMORIAL DA
RESISTÊNCIA
DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA



GOVERNO DE
SÃO PAULO



capa: verso de
**Temos que viver
trancados**

tapa: reverso de
**Tenemos que
vivir bajo llave**

foto: Martin Melaugh

Apresentação

Marcelo Mattos Araujo

Diretor Executivo
Pinacoteca do Estado de São Paulo
Memorial da Resistência de São Paulo

As ditaduras podem se apresentar sob diferentes máscaras: em nome de um nacionalismo exacerbado, das falácias do desenvolvimentismo, e da pretensa segurança dos cidadãos contra os chamados “subversivos”. Elas oprimem, prendem e assassinam. Frente a isso, no entanto, a resistência pode estar em cada cidadão que se articula em grupos, que acredita que a liberdade está na essência do ser humano, mas que a democracia é uma conquista, dia a dia.

A resistência pode assumir diferentes faces e múltiplas são as suas formas, inscritas nos contextos sócio, político e culturais de cada tempo. Está na voz e na ação daqueles que acreditam na liberdade e na democracia. E se costura também nas ideias das *arpilleras*.

Com raízes na tradição popular, as *arpilleras* nasceram no Chile e puderam, na recriação da sua realidade cotidiana, mostrar a muitos o que se passava naquele país, a partir da instauração da ditadura militar, em 1973. Nasceram das mãos de mulheres presas, de mulheres sem maridos, de mulheres que tiveram seus filhos assassinados. Com linhas e pedaços de pano denunciaram, clamaram por socorro e garantiram algum sustento para os seus que restaram.

Muitas são as formas, e maneiras, de colaborar para o aprimoramento da democracia e de uma cultura em direitos humanos. E uma delas consiste no desvelamento de histórias, nem sempre conhecidas, de nossas infundáveis lutas contra a opressão.

Assim, é com grande satisfação que o Memorial da Resistência de São Paulo, dando continuidade ao compromisso de estabelecer relações com instituições nacionais e internacionais, realiza a exposição “*Arpilleras* da resistência política chilena” (30 de julho a 30 de outubro), para que possamos “mirar”, através dos nossos amigos chilenos, nossa história comum latinoamericana.

São Paulo, 30 de julho de 2011.

Las mujeres salieron a la noche

Jaime Huenún, Santiago de Chile, Setembro de 2010/ Septiembre de 2010

Poeta Mapuche, ganador do premio Pablo Neruda, 2003/ ganador del premio Pablo Neruda, 2003

Las mujeres salieron a la noche
y buscaron el hilo del rocío,
pero sólo hallaron las pisadas
de sus insomnes, amados muertos.

El hilo de la papa hallaron y
más tarde

el hilo de las hojas del maizal,
el hilo de la piedra de moler
y el zumbido de unas grises mariposas
que aletearon en la pobre luz
de sus viejas, nubladas pupilas.

Las ovejas huyeron quizás dónde,
los zorzales quizás en qué silencio,
los niños habitaban los disparos
en quién sabe qué escondrijo
de las blancas montañas distantes.

¿Dónde hallar el hilo de la luna,
el hilo de las aguas prometidas?

Sólo harapos de nombres y de voces,
pedazos de camisas enterradas,
botones de plástico y de níquel,
retazos de chalecos y bufandas.

Las ropas encharcadas de la muerte,
uniéndose a la tierra, a la neblina,
soltando los tintes, las costuras,
el tibio algodón de la sabana.

El amor de las mujeres era oscuro,
un susurro chocando contra piedras,
un arroyo regresando a su origen
y a las fibras de árboles remotos.

Esto es todo lo que hay en nuestra casa:
una aguja, una lámpara, un telar,
una mesa de madera bruta
y unos platos de aluminio rotos.

Las mujeres se agotaron en el sueño
cosiendo y descosiendo sus visiones,
tejiendo punto a punto un frágil sol
para el yerto corazón del universo.

História das *arpilleras*

Arpilleras, su historia

Roberta Bacic

A *arpillera* é uma técnica têxtil que possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, localizada no litoral central chileno. A conhecida folclorista Violeta Parra ajudou a difundir este trabalho artesanal.

A diferença fundamental entre aquelas *arpilleras* e as que estão aqui expostas é que estas foram confeccionadas com retalhos e sobras de pano; – o bordado é só um acessório ao trabalho têxtil. Assim como as *arpilleras* originais que as inspiraram, estas foram montadas em suporte de aniagem, pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas, geralmente fabricados em cânhamo ou linho grosso. Toda a costura é feita à mão, utilizando agulhas e fios. Às vezes são adicionados fios de lã à mão ou em crochê, para realçar os contornos das figuras. Normalmente, o tamanho dessas obras era determinado pela dimensão do saco. Uma vez consumido seu conteúdo, ele era lavado e cortado em seis partes, possibilitando assim que o mesmo número de mulheres bordasse sua própria história, a de sua família e de sua comunidade. A tela de fundo se chama *arpillera*, dando o nome a essa expressão artística popular.

La arpillera es una técnica textil que tiene sus raíces en una antigua tradición folclórica iniciada por un grupo de bordadoras de Isla Negra, localidad ubicada en el litoral central chileno. La conocida folclorista Violeta Parra ayudó a difundir este trabajo artesanal. La diferencia fundamental de dichas arpilleras con las que aquí exponemos, reside en que éstas últimas están hechas de retazos y sobras de telas, y el bordado es sólo accesorio al trabajo textil. Al igual que las arpilleras originales que las inspiraron, se montan sobre tela rústica proveniente de sacos de harina o papas, generalmente fabricados de cânhamo y osnaburgo. Todo el cosido es a mano usando agujas e hilos y, en algunas ocasiones, se utilizan lanas para los contornos ya sea a puntadas o con crochet. El tamaño común de estas obras estuvo determinado por la dimensión del saco que, una vez consumido su contenido, era lavado y cortado en 6 partes, dando así las bases para que igual número de mujeres cosiera sobre ellas su propia historia, la de su familia y su comunidad. Esta tela base se llama “arpillera” y de allí el nombre de esta expresión artística popular.

Violeta Parra expôs uma série de *arpilleras* no Pavilhão Marsan do Museu de Artes Decorativas do Palácio do Louvre, em 1964. “O trabalho dos bordados começou, certamente, com a história anedótica da hepatite que afastou Violeta Parra de suas atividades habituais (...) Mas essas *arpilleras* de composições incomuns e coloridos imprevisíveis acabaram não sendo apenas um passatempo causado por uma imobilidade momentânea: ali também havia uma linguagem para poder transmitir histórias, sonhos e conceitos”. A própria Violeta disse em entrevista: “as *arpilleras* são como canções que se pintam” (Isabel Parra, em *El libro mayor de Violeta Parra*, 1985).

Como forma de registrar a vida cotidiana das comunidades e de afirmar sua identidade, as oficinas de *arpilleras* não somente representaram a expressão dessa realidade como também se transformaram em fonte de sobrevivência em tempos adversos. Muitas *arpilleras* fazem referência aos valores consolidados da comunidade e aos problemas políticos e sociais que esta enfrenta. Tornaram-se uma forma de comunicar ao mundo exterior, no país e fora dele, o que estava acontecendo, e ao mesmo tempo, uma forma de atividade cooperativa e fonte de renda. Graças às *arpilleras*, muitas mulheres chilenas puderam denunciar e enfrentar a ditadura desde fins de 1973. As *arpilleras* mostravam o que realmente estava acontecendo nas suas vidas, constituindo expressões da tenacidade e da força com que elas levavam adiante a luta pela verdade e pela justiça. Além disso, cada uma destas obras pôde quebrar o código de silêncio imposto pela situação então vivida no país. Hoje, são testemunho vivo e presente, e uma contribuição à memória histórica do Chile.

O cardeal chileno na época, monsenhor Raúl Silva Henríquez, pediu autorização urgente ao papa Paulo VI para criar o Vicariato de Solidariedade em razão da necessidade de ajudar as vítimas de violações dos Direitos Humanos. Essa organização eclesíástica começou a operar em 1º de janeiro de 1976 e concluiu seus trabalhos em 31 de dezembro de 1992. O Vicariato foi a entidade que prosseguiu a tarefa iniciada pelo Comitê de Cooperação para a Paz no Chile, que foi obrigado a se dissolver por causa das fortes pressões do governo militar. Porém, a Fundação Social de Ajuda das Igrejas Cristãs (Fasic) continuou essa tarefa sob a proteção da Igreja Metodista, mantendo até hoje trabalhos em prol dos Direitos Humanos no Chile.

Foi sob os auspícios dessas instituições que nasceram e se difundiram as oficinas de *arpilleras*. Nas dependências do Vicariato de Solidariedade funcionava o Grupo de Familiares de Presos Desaparecidos, e na Fasic se reuniam tanto os integrantes do Grupo de Familiares de Executa-

Violeta Parra en 1964 expuso una serie de arpilleras en el Pavillon de Marsan del Museo de Artes Decorativas del Palacio del Louvre. “El trabajo de los bordados comenzó, ciertamente, con la anécdota de la hepatitis que alejó a Violeta de sus actividades habituales (...) Pero estas arpilleras de composiciones insólitas y colorido imprevisible no terminaron siendo el pasatiempo para una inmovilidad transitoria: también ahí había un lenguaje para transmitir historias, sueños y conceptos”. La misma Violeta lo dijo en alguna entrevista: “las arpilleras son como canciones que se pintan”. (Isabel Parra, en El Libro Mayor de Violeta Parra, 1985).

Como una forma de captar el valor de la vida cotidiana y de afirmar la identidad, los talleres de arpilleras se convirtieron en un medio de expresión individual y comunitaria y en una fuente de sobrevivencia en tiempos adversos. Muchas arpilleras hacen referencia a lo que afirma y consolida la comunidad, como también a los problemas políticos y sociales que ésta debe enfrentar. Las arpilleras se tornaron en una poderosa forma de comunicar al mundo exterior lo que estaba ocurriendo en los sectores populares, constituyéndose a la vez en una actividad cooperativa que generaba pequeños ingresos económicos

Posteriormente, gracias a las arpilleras, muchas mujeres chilenas pudieron denunciar y enfrentarse a la dictadura a contar de fines de 1973. Las arpilleras mostraban lo que realmente estaba sucediendo en sus vidas, constituyéndose además en expresiones fidedignas de la tenacidad y fuerza con que llevaron adelante la lucha por la verdad y la justicia. Por otra parte, cada una de estas humildes obras lograba romper el código de silencio impuesto sobre la situación que vivía el país. Hoy son un testimonio vivo y presente y un aporte a la memoria histórica de Chile.

El Cardenal chileno de la época, Monseñor Raúl Silva Henríquez, pidió urgente autorización al Papa Pablo VI para crear la Vicaría de Solidaridad debido a la necesidad de ayudar a las víctimas de violaciones a los Derechos Humanos. Esta organización eclesíástica comenzó su funcionamiento el 1 de enero de 1976 y finalizó sus labores el 31 de diciembre de 1992. La Vicaría fue la entidad continuadora de la tarea iniciada por Comité de Cooperación para la Paz en Chile, la que hubo de disolverse dadas las fuertes presiones del gobierno

dos Políticos como os que pertenciam ao Grupo de Ex-Presos Políticos. Na revista *Vida Nueva*, número 1140, publicada em Madri em julho de 1978, cujo tema central foi “Chile: os desaparecidos”, lemos: “Chile 1978. Depois de cinco anos de governo militar, o Chile não consegue se reerguer. O ‘avanço econômico’ anunciado por alguns ministros só beneficia a uma pequena minoria pertencente aos setores ricos. A grande massa da população sofre as consequências de uma situação econômica insustentável: greves, demissões, falta de proteção aos direitos do trabalhador, escolaridade deficiente, falta de moradia, imoralidade, fome. O governo mantém uma atitude dura e inflexível (...) Admite este ‘custo social’ para ‘salvar a pátria’ (...) As ‘tapeçarias da difamação’, conhecidas internacionalmente – pois é certo que estão em numerosos países da Europa e da América – sob o nome de *arpilleras* chilenas, nos fornecem uma excelente oportunidade para discutir a fundo um tema atual. De atualidade também internacional: o papel da Igreja na temporalidade da sociedade. Problema complexo e polêmico, que compreenderia inúmeras reflexões teológicas, políticas e sociológicas”. Enquanto muitas mulheres se dedicavam a essas tarefas em oficinas de *arpilleras* localizadas em diversas partes de Santiago e em alguns outros municípios, a imprensa oficial se dedicava a negar essa realidade e também a denunciar ofensivamente o trabalho realizado pelas artesãs tapeceiras.

No jornal *La Segunda*, em edição dessa época, lemos: “Ministro ordena ampla investigação sobre tapeçarias difamantes”. E o texto informa: “O ministro do Interior solicitou que se instrua processo por infração à Lei de Segurança contra Chinda Perez, envolvida na remessa ao exterior de tecidos artesanais com motivos de evidente conteúdo político antichileno”. Os tecidos e as *arpilleras* haviam sido enviados por Chinda Perez de Acunha para a cidade de Basileia, na Suíça, pela companhia aérea Swissair.

No começo da década de 1980 começou um movimento mais generalizado contra a ditadura e seus efeitos. As mulheres, junto a outros setores da sociedade civil, foram às ruas para expressar-se. Essas ações, o desgaste interno da Junta Militar e as pressões internacionais levaram o general Pinochet a convocar um plebiscito com a intenção de continuar seu governo. Pinochet perdeu o plebiscito realizado em 1988, e esse fato iniciou o processo de transição para a democracia.

No Chile, durante a ditadura, foi significativo o uso da não violência como forma de participação política, de promoção dos direitos humanos e das demandas por mudanças políticas. As *arpilleras* desta coleção expressam isso claramente. As ações não violentas arriscadas e exemplares do “Movimento Contra a Tortura Sebastián Acevedo”, con-

militar. Por otra parte, FASIC (Fundación Social de Ayuda de las Iglesias Cristianas) continuó con esta tarea bajo la protección de la Iglesia Metodista, manteniendo hasta el día de hoy un trabajo a favor de los DDHH en Chile.

Es bajo el alero de estas instituciones que nacieron y se difundieron los talleres de arpilleras. En dependencias de la Vicaría de la Solidaridad funcionó la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos y en el FASIC se reunían tanto los integrantes de la Agrupación de Familiares de Ejecutados Políticos y como los que pertenecían a la Agrupación de Ex Presos Políticos.

En la revista Vida Nueva N° 1.140 de julio de 1978, publicada en Madrid, y cuyo tema central fue “Chile: Los Desaparecidos”, leemos: “Chile 1978. Tras cinco años de Gobierno militar, Chile no logra levantar cabeza. El ‘despegue económico’ anunciado por algunos ministros sólo beneficia a una escasa minoría perteneciente a los sectores acaudalados. La gran masa de los pobladores sufre las consecuencias de una situación económica insostenible: cesantía, paro, falta de protección de los derechos del trabajador, deficiente escolaridad, falta de viviendas, relajación moral, hambre. El gobierno mantiene una actitud dura e intransigente (...) Admite este ‘costo social’ para ‘salvar la patria’ (...) Los ‘tapices de la difamación’, conocidos internacionalmente –porque es cierto que ya están en numerosos países de Europa y América– con el nombre de ‘Arpilleras de Chile’, nos dan una estupenda ocasión para hablar a fondo de un tema de actualidad. De actualidad también internacional: el papel de la Iglesia en los quehaceres temporales de la sociedad. Problema complejo y polémico, que abarcaría innumerables reflexiones teológicas, políticas y sociológicas”. Mientras muchas mujeres se dedicaban a estas tareas en talleres de arpilleras ubicados en distintas partes de Santiago y en algunas provincias, la prensa oficial se dedicaba a negar esta realidad y también a denunciar ofensivamente el trabajo realizado por las arpilleras.

En el diario La Segunda de la época se lee: “Ministro ordenó una amplia investigación por tapetes difamantes”. Luego agrega, textualmente: “El Ministro del Interior ha solicitado que se instruyera proceso por infracción a la Ley de Seguridad, en contra de Chinda Pérez que aparece involucrada en el envío al exterior de tejidos artesanales con motivos de evidente contenido político antichileno”. Los tejidos y arpilleras iban remitidos por Chin-

duzido pelo padre jesuíta José Aldunate, denunciaram para a comunidade nacional e internacional o uso sistemático da tortura por parte do regime de Pinochet. Essa foi uma organização efetiva que exerceu pressão constante para que o Chile assinasse a Convenção Contra a Tortura, em 1984, e para que se estabelecesse a Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura, em 2004. Um total de 35.868 pessoas se apresentaram perante essa Comissão, e 27.255 foram reconhecidas como vítimas de tortura pelo Estado.

Deixemos agora que falem as *arpilleras* do Chile. Que sejamos levados pelas histórias criadas por mulheres sensíveis em meio ao horror e à dor, e que permaneceram como testemunho perene de sua luta pela dignidade humana. Elas nos transmitem fragmentos das vidas das artesãs e são relatos de comunidades que, apesar da repressão e da violência, foram capazes de sobreviver com base em valores como solidariedade, verdade e justiça.

Vamos percorrer agora essas memórias, essas vidas, esperando que, com suas luzes e sombras, se irmanem com as nossas.



da Pérez de Acuña, vía Swissair, a la ciudad de Basilea, Suiza. A comienzos de los ‘80 comenzó un movimiento más generalizado contra la dictadura y sus efectos. Las mujeres, junto a otros sectores de la sociedad civil, salieron a las calles a expresarse. Estas acciones, sumadas al desgaste interno de la Junta Militar y a las presiones internacionales, llevaron a que el General Pinochet convocara a un plebiscito con la intención de ser confirmado en su puesto. Pinochet perdió dicho plebiscito, realizado en 1988, comenzando así el proceso de transición a la democracia.

En Chile, el uso de la no violencia como forma de participación política, de promoción de los derechos humanos y de lucha por el cambio político durante la dictadura, fue significativo. Las arpilleras de esta colección lo expresan claramente. Las arriesgadas y ejemplares acciones no violentas del “Movimiento Contra La Tortura Sebastián Acevedo” –liderado por el sacerdote jesuita José Aldunate– denunciaron ante la comunidad nacional e internacional, el uso sistemático de la tortura por parte del régimen de Pinochet. Fue ésta una efectiva organización instrumental, que con sus actividades ejerció constante presión para que Chile firmase la Convención Contra la Tortura en 1984. En 2004 se constituyó la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura. Un total de 35,868 personas se presentaron a esta instancia y 27.255 han sido reconocidas como víctimas de la tortura por el estado de Chile.

Dejemos, ahora, que hablen las arpilleras de Chile; dejémosnos llevar por las historias que sencillas mujeres crearon en medio del horror y del dolor, y que han quedado como un testimonio perdurable de su lucha por la dignidad humana. Ellas nos comparten fragmentos de la vida de las arpilleras y el relato de comunidades que, a pesar de la represión y la violencia, fueron capaces de sobrevivir fundamentando sus actos en valores tales como la solidaridad, la verdad y un sentido primordial de justicia.

Recorramos, entonces, estas memorias, estas vidas, esperando que se hermanen, con sus luces y sus sombras, a las nuestras.

Detalhe
Não à impunidade

Detalle
No a la impunidad

Resenha histórica

Reseña historica

Clara Kardonsky

Esta exposição nos leva ao ano de 1973, quando ocorreu o golpe militar no Chile.

Para ilustrar o que aconteceu naquele país, marcando definitivamente o panorama político da década de 1970 em praticamente toda a América Latina, é necessário retrocedermos na história.

Logo após o final da Segunda Guerra Mundial, as contradições entre o mundo capitalista (capitaneado pelos Estados Unidos) e o então chamado ‘campo socialista’ (a União Soviética e a China) se aprofundaram a tal ponto que essa época, que se estendeu aproximadamente de 1950 a 1990, foi conhecida como ‘Guerra Fria’.

Em 1959, o impacto causado pelo triunfo da Revolução Cubana deu um sinal de alerta aos Estados Unidos, que passaram a ver os movimentos populares e democráticos existentes na região como uma ‘antessala’ de futuros regimes comunistas. Temendo perder a hegemonia econômica no Continente e com receio de que o apoio da União Soviética e o novo modelo de uma revolução socialista na ilha cubana fossem se propagar, os Estados Unidos passaram a apoiar de forma concreta movimentos de contrainsurgência, reforçando as estruturas econômicas e militares na região que, de forma sucessiva, protagonizaram golpes militares no Brasil, na Argentina, no Chile, no Uruguai, na Bolívia e em outros países das Américas do Sul e Central.

No Chile, a vitória da Unidade Popular no ano de 1970 levou à presidência Salvador Allende, médico de formação com fortes convicções humanitárias e socialistas. Seu triunfo foi imediatamente visto como parte da vitória de uma das duas superpotências em conflito, a União Soviética, e como ameaça à outra, os Estados Unidos da América. Dessa maneira, o Chile se converteu no primeiro país sul-americano que chegou ao socialismo pela via democrática.

O início do processo de estatização dos principais meios de produção do Chile, a começar pelo cobre, principal riqueza mineral do país, assim como a formação de uma ‘área social’ na economia, com influência na agricultura, na pesca, na indústria e no comércio, fize-

Esta exposición nos transporta al año de 1973, cuando ocurre el golpe militar en la Republica de Chile.

Para que podamos entender mejor lo que aconteció en aquel país, es necesario retroceder en la historia, Chile vive un proceso que marca definitivamente el panorama político de los años 70 en prácticamente todos los países de Latinoamérica.

Inmediatamente después de la 2da Guerra Mundial, se profundizan las contradicciones entre los EEUU junto con otros países capitalistas y el grupo llamado de “países del bloque comunista” (China y los países que pertenecían a la Unión Rusa Socialista Soviética) a esta época, entre los años 1950 y 1980, se la conoce como los años de la “Guerra Fría”

En 1959, el impacto causado por el triunfo de la Revolución Cubana dio una señal de alerta a los EEUU, que pasaban a ver los movimientos populares y democráticos existentes en la región como un “anuncio” de futuros regímenes comunistas.

Temiendo perder la hegemonía económica en el Continente y con miedo de que la Unión Soviética y el nuevo modelo de una revolución socialista en la isla cubana se propague, los EEUU pasaron a apoyar de forma concreta movimientos de contra-insurgencia. Así, refuerzan las estructuras económicas y militares en la región que, de forma sucesiva, protagonizan golpes militares en Brasil, Argentina, Chile, Uruguay, Bolivia, y otros países de América del Sur y Central.

En Chile, la victoria de la Unidad Popular en el año 1970 llevó a Salvador Allende a la presidencia, médico de formación y con fuertes convicciones humanitarias y socialistas. Su triunfo fue visto inmediatamente como parte de la victoria de una de las dos superpotencias en conflicto, la Unión Sovietica y por otro lado como una amenaza a la otra, los EEUU.

De esta manera Chile se convierte en el primer país sur –americano que llega al socialismo por la vía democrática.

ram surgir uma reação bastante acentuada da burguesia. Esta começou a se organizar para resistir de forma ativa às mudanças sociais propugnadas pelo governo de Allende. Começou então o período do conflito aberto entre as classes sociais. Organizando-se em grupos diversos, elas pregaram o acirramento das contradições para a definição final de como deveria ser o novo regime. Em muitos setores, começou a imperar a ideia de que só a força poderia resolver esse impasse para impor, segundo a opinião de cada grupo, ou a definitiva revolução socialista (defendida pelas forças da esquerda) ou a manutenção do regime anterior de privilégios (defendida pela burguesia e pelas Forças Armadas).

Não se pode deixar de mencionar que nos períodos mais agudos dessa crise o papel desempenhado pelos meios de comunicação, tanto os da esquerda como os da área conservadora, foi de verdadeiro partidarismo, chamando, muitas vezes, ao enfrentamento físico entre setores da população.

No dia 11 de setembro de 1973, deu-se o golpe militar liderado pelas Forças Armadas, que nomearam Augusto Pinochet como seu líder. Salvador Allende suicidou-se, de acordo com as pesquisas realizadas pela Comissão Nacional pela Verdade e Reconciliação, e o palácio La Moneda foi bombardeado pela aviação chilena.

Assumiu o governo uma Junta Militar que declarou tomar o “Mando Supremo da Nação com o compromisso patriótico de restaurar a *chilenidade*, a justiça e a institucionalidade que havia sido quebrada (...) por efeito da intromissão de uma ideologia dogmática e excludente, inspirada nos princípios estrangeiros do marxismo-leninismo (...)”.¹

Com o golpe de Estado, iniciou-se no Chile um período de feroz perseguição política e social que tratou de acabar com os diversos movimentos, partidos políticos e agrupamentos que haviam manifestado sua adesão ao governo da Unidade Popular e posterior oposição à ditadura que se implementou. Como parte do Terrorismo de Estado que se levou a efeito, como decorrência de um Estado policialesco, milha-

El inicio del proceso de estatización de los principales medios de producción del país, comenzando con el cobre, principal riqueza mineral del país, así como la formación de una área social en la economía, con influencia en la agricultura, pesca, industria y comercio, provocó una reacción bastante fuerte en la burguesía nacional chilena. Esta comenzó a organizarse para resistir en forma activa a las mudanzas sociales adoptadas por el gobierno Allende. De esta forma comienza el período de un conflicto abierto entre las clases sociales, que se organizan en distintos grupos que buscan profundizar las contradicciones para así definir la forma que debería actuar el nuevo gobierno.

En muchos sectores comienza a imperar la idea de que sólo la fuerza podría resolver el impase de imponer –según la opinión de cada grupo- ya sea la definitiva revolución socialista, idea defendida por las fuerzas de izquierda, o mantener el régimen anterior de privilegios, idea defendida por la burguesía marginal y las fuerzas armadas.

No se puede dejar de mencionar que en los períodos más agudos de esta crisis, el papel desempeñado por los medios de comunicación, tanto los de izquierda como los del área conservadora, fue de un verdadero partidarismo, llamando, muchas veces, al enfrentamiento físico entre la población.

El día 11 de setiembre de 1973 se produce el Golpe Militar liderado por las Fuerzas Armadas que nombraron Augusto Pinochet como su líder. Salvador Allende se suicida, según la investigación realizada por la “Comisión Nacional por la Verdad y Reconciliación”, el palacio La Moneda, sede del gobierno fue brutalmente bombardeado por la aviación chilena.

Una Junta Militar asume el gobierno y declara tomar el “mando supremo de la nación con el compromiso patriótico de restaurar la chilenidad, la justicia y la institucionalidad que había sido quebrada.(...) por fuerza de la intromisión de una ideología

res de pessoas foram levadas a centros de tortura. Houve sequestros e extermínios, fatos que se tornaram sistemáticos e impuseram o medo e o terror no país.

Os centros de Villa Grimaldi, Londres 38, Paine, José Domingos Cañas, La Venda Sexy e Tres y Cuatro Alamos, são tristemente conhecidos por serem lugares onde se viveram as mais cruéis, desumanas e brutais práticas de violações dos Direitos Humanos, levadas a efeito pelo Estado. Segundo o relatório da Comissão Nacional pela Verdade e Reconciliação, demonstrou-se que no Chile houveram mais de 3.000 vítimas de violações dos Direitos Humanos e um número não determinado de mortos e desaparecidos no período em que a ditadura militar governou o país entre os anos 1973 e 1990.

Nesse contexto de fim das liberdades individuais e dos direitos humanos surgiram vários movimentos culturais que buscavam resistir à onda de obscurantismo, censura e repressão. A manifestação cultural denominada *arpilleras*, que vemos aqui, faz parte dessa onda de movimentos artísticos de resistência.

Nas *arpilleras* que formam esta exposição está escrita a própria história social de um grupo de mulheres que, de alguma forma, sofreram torturas e discriminações típicas de um regime ditatorial e que puderam encontrar o caminho para expressar suas emoções e também denunciar o que ocorria nos cárceres chilenos.

1 Decreto Ley nº 1. Santiago de Chile, 11 Sept. 1973.

dogmática y excluyente, inspirada en principios extranjeros del marxismo-leninismo”¹

A partir del Golpe Militar, se inicia en Chile un período de feroces persecuciones políticas y sociales que trata de acabar con los distintos movimientos, partidos políticos y agrupaciones que habían manifestado su adhesión al gobierno de la Unidad Popular y que posteriormente se opusieron a la dictadura que se había implementado en Chile. Como parte del Terrorismo de Estado que se implantó como consecuencia de un Gobierno Militar, millares de personas fueron llevados a diversos centros de tortura, el secuestro y extermínios se tornaron sistemáticos imponiendo en el país el miedo y el terror.

Villa Grimaldi, Londres 38, José Domingo Cañas, La Venda Sexy, Tres y Cuatro Álamos, son tristemente conocidos por ser lugares donde se vivieron las más crueles, inhumanas y brutales prácticas de violaciones a los Derechos Humanos por parte del Estado contra sus ciudadanos.

Según la Comisión Nacional para Verdad y Reconciliación en Chile existieron más de 3000 casos de víctimas de violaciones de los derechos humanos y un número no determinado de muertos y desaparecidos durante el período en que la dictadura militar gobernó el país entre 1973 y 1990.

En este contexto donde se extinguen las libertades y los derechos de las personas surgen diferentes movimientos culturales como las expresiones que vemos en las artistas chilenas que trabajan las Arpilleras.

En las arpilleras que conforman esta exposición está escrita la propia historia social de un grupo social formado por mujeres que de una forma u otra sufrieron las torturas de un régimen dictatorial y que pudieron encontrar el camino para expresar sus emociones y también denunciar lo que estaba aconteciendo en las cárceles de Chile.

1 Decreto Ley Nº 1.- Santiago de Chile, a 11 de Septiembre de 1973



Detalhe
Fornos de Lonquén
Detalle
Hornos de Lonquén

Arpillera confeccionada coletivamente pela Oficina Recoleta. “As alegrias e os sofrimentos cotidianos numa comunidade marginal do Chile. É isto que as *arpilleras* que confeccionamos significam para nós” (testemunho dado em 1983 por um grupo de base do povoado Villa Francia). A Oficina Recoleta era uma das oficinas de *arpilleras* que funcionavam sob os auspícios da obra ecumênica Fundação Missio, constituída em maio de 1977, a qual institucionalizou atividades que desde 1970 eram desenvolvidas pela Irmã Karoline Mayer – de nacionalidade alemã – nas populações marginais da zona norte de Santiago. Monseñor Jorge Hourton era o bispo daquela área e também o diretor dessa fundação. A irmã Karoline ainda trabalha ativamente no Chile, na organização Cristo Vive, constituída em 1990, após o fechamento da Fundação Missio.

Arpillera confeccionada coletivamente por Taller Recoleta. “Alegrias y penas cotidianas en una población marginal de Chile. Eso significan para nosotros las *arpilleras* que confeccionamos”. (Testimonio aportado en 1983 por un grupo de base de la población Villa Francia). El Taller Recoleta era uno de los talleres de *arpilleras* que funcionaba bajo el alero de la obra ecuménica “Fundación Missio” que se constituyó en mayo de 1977 y que institucionalizó las actividades que desde 1970 desarrollaba la Hermana Karoline Mayer – de nacionalidad alemana - en las poblaciones marginales de la zona norte de Santiago. Monseñor Jorge Hourton era el Obispo de esa Zona y fue también el director de dicha fundación. La hermana Karoline aún trabaja activamente en Chile en la organización Cristo Vive, que se constituyó en 1990 luego del cierre de la Fundación Missio.



A vida em nossa comunidade

Oficina Recoleta, Chile, 1984.
Acervo de Jürgen e Marta Schaffer, Alemanha

Vida en nuestra población

Taller Recoleta, Chile, 1984.
Colección Marta y Jürgen Schaffer, Alemania
foto: Colin Peck



Detalhe
Vida em nossa
comunidade

Detalle
Vida en nuestra
población



Detalhe
Vida em nossa
comunidade

Detalle
Vida en nuestra
población



Homenagem aos mortos

Anônima. Chile, final da década de 1970. Acervo: Fátima Miralles, Espanha

Homenaje a los caídos

Anónima. Chile, fines de 1970. Colección de Fátima Miralles, España
foto: Colin Peck

As mulheres começaram a compartilhar suas experiências de violações aos direitos humanos nas oficinas apoiadas pelo Vicariato de Solidariedade e por outras igrejas, e assim foram apoiando-se umas às outras, compartilhando os acontecimentos vividos e dialogando sobre o que se poderia fazer naquelas circunstâncias difíceis.

“Estes trabalhos nos mostram que a guerra e os conflitos são reais e verdadeiros. Mas também evidenciam o resultado de muitas horas de trabalho. Assim como as pinturas mostram as pinceladas, estas histórias em tapeçaria e bordado evidenciam cada ponto dado e, por extensão, cada movimento da mão que pôs a agulha no pano e a retirou dele. Mostram a memória como uma atividade física, um processo material, através do qual os artistas assimilam no mesmo ato o vivido internamente e o que é expresso para os outros” (James Young, 2005).

En los talleres apoyados por la Vicaría de Solidaridad y otras iglesias, las mujeres comenzaron a compartir sus experiencias de violaciones a los derechos humanos y así se fueron apoyando las unas a las otras, compartiendo lo vivido y dialogando en torno a lo que se podía hacer en esas difíciles circunstancias.

“Estas obras nos muestran que la guerra/conflicto es real, verdadero. Pero también pone en evidencia el resultado de muchas horas de trabajo. Así como las pinturas que muestran las pinceladas, estas historias en tela dejan en evidencia cada puntada y –por extensión– cada movimiento de la mano que puso y sacó la aguja de la tela. Muestran la memoria como una actividad física, un proceso material, a través del cual las artistas aprehenden en un mismo acto lo vivido internamente y lo que se expresa a los demás”. (Young, James, 2005).

“Não ficaremos de mãos cruzadas diante de tanta repressão e miséria. Levaram nossos maridos, filhos e líderes. Porém, enquanto há vida há esperança, e expressamos isto em nossas ações” (Testemunho dado por um grupo de base em 1987).

“No nos quedaremos cruzadas de manos ante tanta repressión y miseria. Se han llevado a nuestros esposos, hijos y dirigentes. Sin embargo, mientras hay vida hay esperanza y lo expresamos en nuestras acciones”. (Testimonio entregado por un grupo de base en 1987).



Não à carestia Não à ditadura Chega de fome

Anônima. Oficina do Vicariato de Solidariedade. Chile, início da década de 1980. Acervo de Fátima Miralles, Espanha

No a las Alzas No a la Dictadura Basta de Hambre

Anónima. Taller Vicaría de Solidaridad. Chile, a comienzos de la década del 80. Colección de Fátima Miralles, España
foto: Colin Peck



Onde estão os desaparecidos?

Anônima. Chile, maio de 1988. Acervo de Kinderhilfe Chile, Bonn, Alemanha

¿Dónde están los desaparecidos?

Anónima. Chile, mayo 1988. Colección Kinderhilfe Chile/ Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh

“Nosso Grupo de Familiares de Presos Desaparecidos não deixará nunca de lutar por respostas às nossas demandas e para que se faça justiça. Isto implica na punição dos culpados pelo desaparecimento dos nossos familiares” (Testemunho da presidente do Grupo de Familiares de Presos Desaparecidos de Osorno, 1989).

Desde fins de 1973, primeiramente por meio do Comitê Pro Paz que se constituiu tão logo se impôs a ditadura, e em seguida por meio do Vicariato de Solidariedade e outras ONGs, a AFDD (Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos) não cessou sua luta e não aceitou em nenhum momento que se pusesse um ponto final às suas reivindicações.

Desde o início, o lema do Grupo foi: “Eles os levaram vivos, e vivos os queremos de volta”. Para investigar esses fatos, em 25 de abril de 1990 o presidente eleito Patricio Aylwin Azócar criou, pelo Decreto 355, a Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação. No final do mandato dessa Comissão, foi instituída a Corporação Nacional de Reparação e Reconciliação, que deveria esclarecer, entre outras coisas, o paradeiro das pessoas desaparecidas (Lei 19.123, de 8 de fevereiro de 1992).

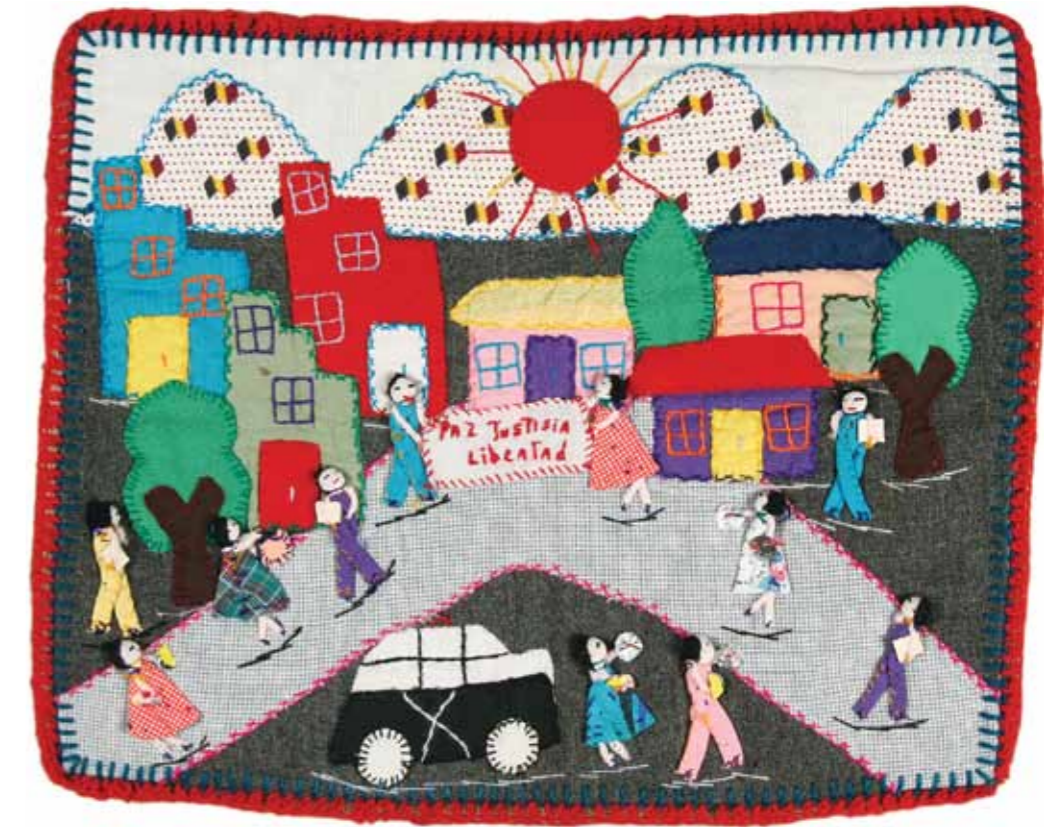
“Nuestra Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos no dejará nunca de luchar por una respuesta a nuestras demandas y porque se haga justicia. Esto implica sancionar a los culpables de la desaparición de nuestros familiares”. (Testimonio de la Presidenta de la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos de Osorno, 1989). Desde fines de 1973, primero a través del Comité Pro Paz “que se constituyó tan pronto se impuso la dictadura- y luego a través de la Vicaría de Solidaridad y otras ONGs, la AFDD no ha cesado en su lucha y no ha aceptado en ningún momento que se ponga punto final a esta demanda. Desde sus comienzos, el lema de la agrupación fue: “Vivos se los llevaron, vivos los queremos”. Para investigar estos hechos, el 25 de abril de 1990 el electo Presidente Patricio Aylwin Azócar creó, por Decreto Supremo Número 355, la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación. Una vez que expiró el mandato de esta comisión, se constituyó la Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación que debió establecer, entre otras cosas, el paradero de los desaparecidos (Ley 19.123 del 8 de febrero de 1992).

Paz, justiça, liberdade

Anônima. Chile, final da década de 1970. Acervo de Alba Sanfeliú, Espanha

Paz, justicia, libertad

Anónima. Chile, finales de los 70. Colección de Alba Sanfeliú, España
foto: Colin Peck



Esta arpillera segue as formas, técnicas e desenhos típicos da época. Com variados retalhos expressa uma ação de protesto não violento num subúrbio de Santiago. A Cordilheira dos Andes, o sol e o uso de personagens tridimensionais também são comuns nas arpilleras desse período. A Cordilheira é um elemento de referência e identidade, e o sol nos lembra que brilha para todos, sem distinção. Uma viatura da polícia é incorporada à cena, ocupando um espaço no dia a dia sem intimidar os personagens. “Sua simplicidade concede aos personagens uma inocência que torna absolutamente intolerável o sentimento de vitimização. Faz com que a guerra pareça um infanticídio, pois as figuras são tão pequenas, tão ternas e tão pouco ameaçadoras” (Bárbara Kirschenblatt-Gimblett, 2005). Na elaboração desta arpillera foram utilizados retalhos de uma calça de cor cinza e de uma camisa quadriculada de um desaparecido, o que certamente lhe transmite uma poderosa carga emotiva.

Esta arpillera sigue las formas, técnicas y diseño típicos de la época. Con retazos de telas variadas expresa una acción no violenta de protesta un suburbio de Santiago. La cordillera de Los Andes, el sol y el uso de personajes tridimensionales son también comunes en las arpilleras de este período. La cordillera es un elemento de referencia e identidad y el sol nos recuerda que alumbra para tod@s, sin hacer diferencias de ningún tipo. El vehículo de la policía está incorporado a la escena, ocupando un espacio cotidiano que no intimida a los personajes. “Su sencillez le otorga a los personajes una inocencia que torna absolutamente intolerable el sentimiento de victimización. Hace que la guerra parezca infanticidio, porque las figuras son tan pequeñas, tan tiernas, tan poco amenazantes”. (Kirschenblatt-Gimblett, Bárbara, 2005). En la elaboración de esta arpillera se utilizaron retazos de los pantalones grises y de una camisa de tela cuadriculada de un desaparecido, lo que ciertamente transmite una poderosa carga emotiva.

Jacque Monty, proprietária desta comovente *arpillera*, é inglesa. Desde 1980, organizou durante vários anos feiras artesanais na igreja St. James, em Picadilly, Londres. Fazia isso sob os auspícios da OXFAM (uma organização criada na Inglaterra na década de 1940 e que trabalha procurando soluções para problemas de pobreza e justiça no terceiro mundo), e seu interesse era apoiar e promover produtos artesanais nesses países. Embora ela não entendesse a mensagem e o contexto específico a que se referiam as *arpilleras*, comprou três, por £ 12.50 cada.

Ela foi impactada pelo uso dos tecidos nitidamente usados, pelo sentimento de fragilidade de todos os personagens e especialmente pelas lágrimas da mulher se agachando, representadas neste trabalho. Também a comoveu o fato de que a artesã escrevesse um bilhete num pedaço de papel de caderno escolar.

Há cerca de três anos, Jacque manteve contato com a curadora e cedeu suas *arpilleras* para exposições em vários países.

Jacque Monty, propietaria de esta emotiva arpillera, es inglesa. Desde 1980 organizó por varios años ferias artesanales en la iglesia Saint James, Picadilly, de Londres. Lo hacía bajo el alero de Oxfam (organización que trabaja buscando soluciones para los problemas de pobreza y justicia en el tercer mundo, creada en Inglaterra en la década de 40) y su interés era apoyar y promover productos artesanales en esos países. A pesar de que no entendía el mensaje y el contexto específico a que aludían las arpilleras, se compró 3, cada una por £ 12.50. Le había impactado el uso de telas que se notaban usadas, el sentimiento de indefensión de todos los personajes y especialmente las lágrimas de la mujer en cuclillas representada en la obra. También la emocionó el hecho de que la arpillerista escribiese una nota en un trocito de papel de cuaderno escolar.

Hace casi 3 años hizo contacto con la curadora, facilitándole sus arpilleras para exposiciones en distintas partes del mundo.



verso da obra com bolso e bilhete

reverso con bolsillo y nota



Onde estão nossos filhos?

Anônima. Chile, 1979.
Acervo de Jacque Monty, Inglaterra

¿Dónde están nuestros hijos?

Anônima. Chile, 1979.
Colección de Jacque Monty, Inglaterra

foto: Martin Melaugh

Esta *arpillera* dá vida, personaliza e nos aproxima da terrível luta dos familiares pela verdade e pela justiça no caso dos Fornos de Lonquén. As cores e a determinação das mulheres diante da repressão policial às suas reivindicações tornam ainda mais dura a percepção desta realidade. Abraham Santibáñez, subdiretor da revista *Hoy*, assim descreve os restos humanos achados nos Fornos de Lonquén, em 30 de novembro de 1978: “Pedacinhos de crânios amarelados, com impressões de couro cabeludo; cabelos soltos, pretos; roupas soltas nas quais se reconhece uma calça *jeans*, um colete masculino”. Era o que sobrara de 15 homens detidos em circunstâncias diferentes, em 7 de outubro de 1973, na comunidade rural de Ilha de Maipo, cujos rastros se perderam até fins de 1978. Essa descoberta, que abalou a opinião pública nacional, marcou os familiares de centenas de presos desaparecidos, confirmando a terrível suspeita de que seus parentes estavam realmente mortos.

Esta arpillera da vida, personaliza y nos acerca a la desgarradora lucha de los familiares por la verdad y la justicia en el caso “Hornos de Lonquén”. Los colores y la determinación de las mujeres enfrentadas a la represión policial ante sus demandas, hacen aun más dura nuestra apreciación de esta realidad.

Abraham Santibáñez, subdirector de la revista Hoy, describe así los restos humanos encontrados en los Hornos de Lonquén el 30 de noviembre de 1978: “Trozos de cráneos amarillentos, con huellas de cuero cabelludo; pelos sueltos, negros; ropas desgarradas en las que se reconoce un blue jeans, un chaleco de hombre”. Era lo que quedaba de 15 hombres detenidos en distintas circunstancias el 7 de octubre de 1973 en la comunidad rural de Isla de Maipo, cuyos rastros se perdieron hasta fines de 1978. Este hallazgo, que estremeció a la opinión pública nacional, marcó un doloroso hito para los familiares de los centenares de detenidos-desaparecidos y confirmó la terrible sospecha de que sus parientes estaban definitivamente muertos.



Fornos de Lonquén
Anónima. Chile, aproximadamente 1979.
Doação de Joanne Sheehan, Estados Unidos

Hornos de Lonquén
Anónima. Chile, alrededor de 1979. Donación de Joanne Sheehan, Estados Unidos
foto: Tony Boyle

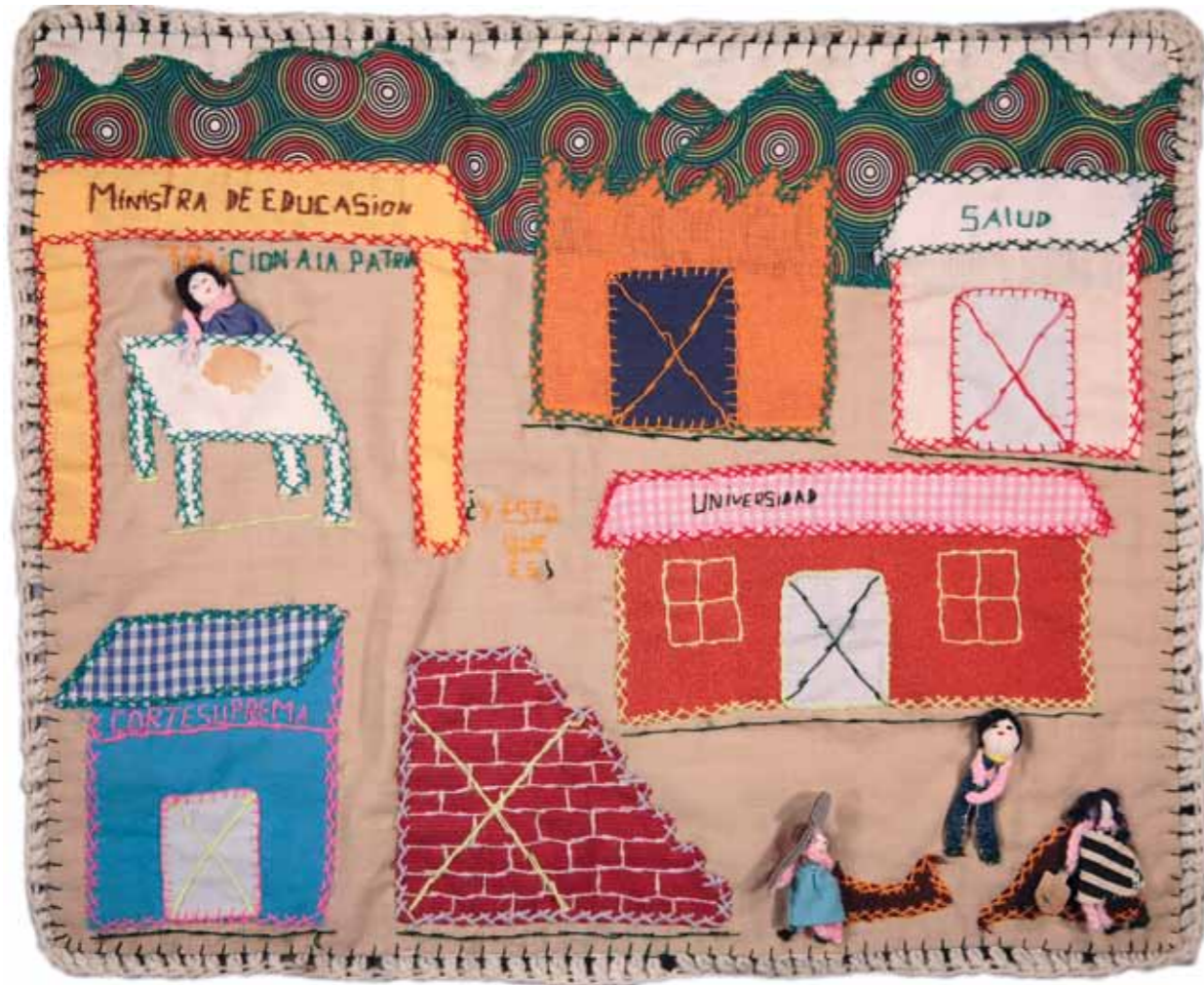


Lucía, Lucía, a panela está vazia
Anónima. Oficinas do Vicariato de Solidariedade. Chile, início da década de 1980. Acervo de Marjorie Agosin, Estados Unidos / Chile

Lucía, Lucía, la olla está vacía.
Anónima. Taller de la Vicaría de Solidaridad, Chile, a comienzos de los 80. Colección privada de Marjorie Agosin, Estados Unidos/Chile
foto: Colin Peck

“Combatemos a fome de nossas crianças utilizando uma panela comum na comunidade...” (testemunho dado por uma organização de um subúrbio de Santiago, em 1983). Em muitas ocasiões, mulheres, homens e crianças faziam soar panelas vazias batendo nelas ritmicamente com colheres de pau e cantando: “Lucía, Lucía, a panela está vazia”. Esse estribilho, nascido da situação econômica precária dos setores sociais populares, era cantado em todas as jornadas de protesto organizadas contra a ditadura do general Augusto Pinochet, entre 1978 e 1990. Lucía era o nome da esposa do já falecido ditador.

“Combatimos el hambre de nuestros niños con una olla común en la comunidad...” (Testimonio entregado por una organización poblacional de Santiago en 1983). En muchas ocasiones mujeres, hombres y niñ@s hacían sonar ollas vacías golpeándolas con cucharas de palo al son de un ritmo y cantando: “Lucía, Lucía, la olla está vacía”. Esta consigna, nacida de la precaria situación económica de los sectores sociales populares, se cantó en las jornadas de protesta organizadas en contra de la dictadura del general Augusto Pinochet entre 1978 y 1990. Lucía es el nombre de la esposa del ya fallecido dictador chileno.



Não temos acesso
aos bens públicos
Anônima. Chile,
aproximadamente 1984.
Acervo de Peter e Heidi
Gessler, Suíça

No tenemos acceso
a los bienes públicos
Anónima. Chile, alrededor de
1984. Colección de Peter y
Heidi Gessler, Suiza
foto: Colin Peck

“Fecharam-nos todas as portas, ficamos sem educação, saúde, justiça e trabalho. Consequentemente, tivemos de sair com pás nas ruas para ganhar nosso sustento” (Testemunho de populares, em 1983).

Esta *arpillera* faz alusão à administração da advogada Mónica Madariaga, que dirigiu o Ministério da Justiça (1977-1983) e o da Educação (1983), e quem promulgou a Constituição de 1980, estabelecida pela ditadura militar, ainda em vigor em 2011. Graficamente, esta *arpillera* apresenta a falta de acesso ao trabalho, à saúde, à educação e à justiça, de que sofria a maior parte da população.

“Nos cerraron todas las puertas y nos quedamos sin educación, salud, justicia y trabajo. Por ello tuvimos que salir con palas a la calle a ganarnos nuestro sustento”. (Testimonio entregado por pobladores en 1983).

Esta *arpillera* hace alusión a la gestión de la abogada Mónica Madariaga, quien dirigió el Ministerio de Justicia (1977-1983) y el de Educación (1983). Ella fue quien promulgó la Constitución de 1980, establecida por la dictadura militar y que aún está vigente en el 2011. En forma gráfica hace presente la falta de acceso a trabajo, salud, educación y justicia que sufría la mayor parte de la población.



Corte de água
Anônima. Chile, 1980.
Acervo da curadora

Corte de agua.
Anónima. Chile, 1980
Colección de la curadora
foto: Colin Peck

Esta *arpillera* representa a resposta dos pobres nesse período, aos quais se cortava o fornecimento de água potável para marginalizá-los e também para impedir suas saídas para protestar. Em desafio aberto, as mulheres desses setores saíam com seus baldes para os bairros de classe média para pedir água. Ao concluir a tarefa, elas levavam a água a seus vizinhos em barris, para distribuí-la de forma organizada. A cena vibrante e colorida ressalta o senso de comunidade e a força política e social que ações como essas davam às mulheres dos povoados.

Esta *arpillera* representa la respuesta de los pobres en dicho periodo, a quienes se cortaba el suministro de agua potable como un modo de marginarlos y también para impedirles salir a protestar. En abierto desafío, las mujeres de estos sectores salían con sus baldes a los barrios de clase media a pedir agua. Al finalizar la tarea, llevaban el agua a sus vecinos en barriles para distribuirla de manera organizada. La colorida escena pone de manifiesto el sentido comunitario y de empoderamiento político y social que acciones como esta otorgaba a las mujeres luchadoras.



Temos que viver trancados

Anónima. Chile e adquirida na Suíça em 1980. Acervo de Heidi e Peter Gessler, Basileia, Suíça

Tenemos que vivir bajo llaves

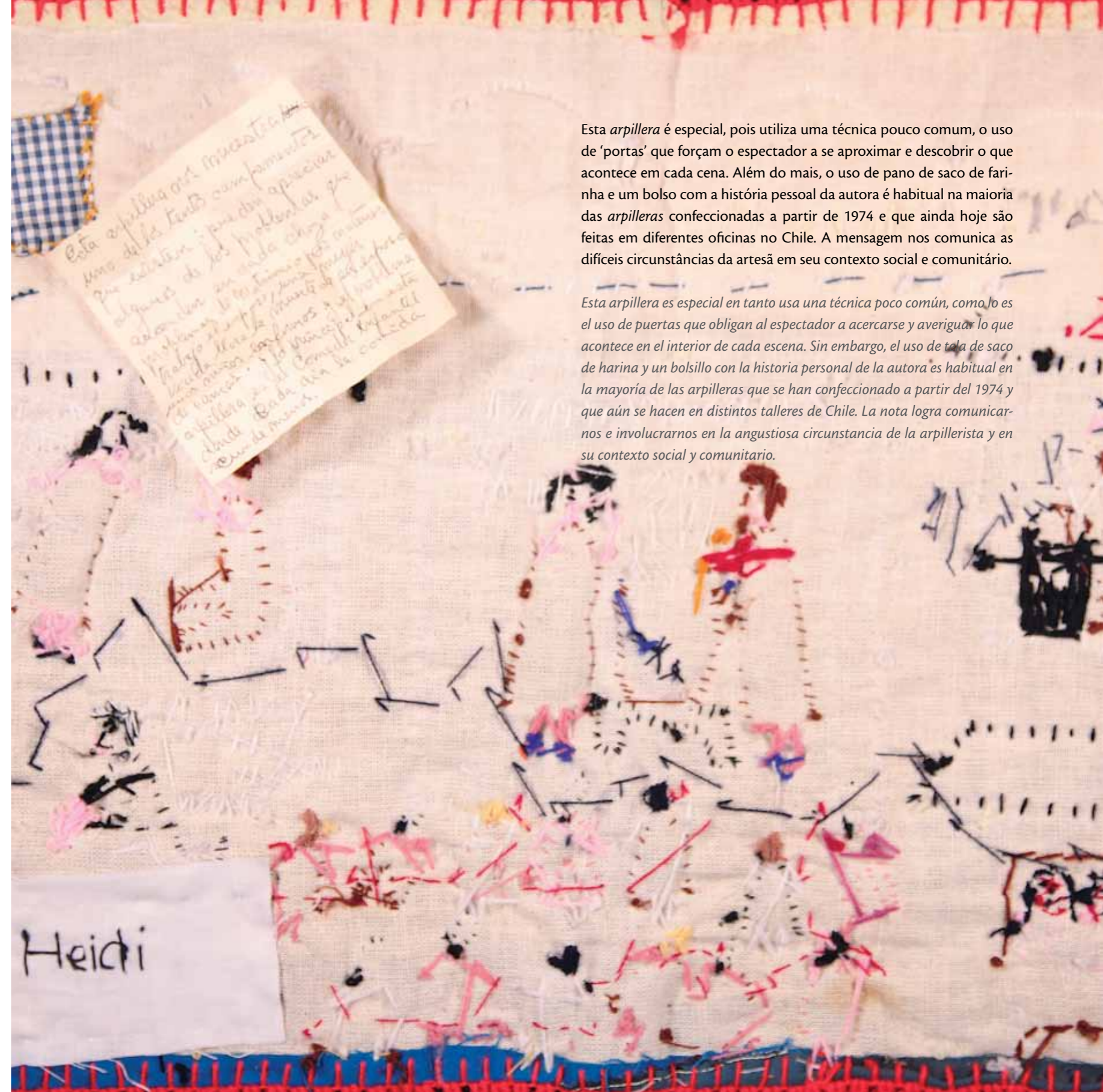
Anónima. Chile y adquirida en Suiza en 1980. Colección de Heidi y Peter Gessler, Basilea, Suiza

foto: Martin Melaugh

verso de
Temos que viver trancados

reverso de
Tenemos que vivir bajo llaves

foto: Martin Melaugh



Esta *arpillera* é especial, pois utiliza uma técnica pouco comum, o uso de 'portas' que forçam o espectador a se aproximar e descobrir o que acontece em cada cena. Além do mais, o uso de pano de saco de farinha e um bolso com a história pessoal da autora é habitual na maioria das *arpilleras* confeccionadas a partir de 1974 e que ainda hoje são feitas em diferentes oficinas no Chile. A mensagem nos comunica as difíceis circunstâncias da artesã em seu contexto social e comunitário.

Esta *arpillera* es especial en tanto usa una técnica poco común, como lo es el uso de puertas que obligan al espectador a acercarse y averiguar lo que acontece en el interior de cada escena. Sin embargo, el uso de tela de saco de harina y un bolsillo con la historia personal de la autora es habitual en la mayoría de las *arpilleras* que se han confeccionado a partir del 1974 y que aún se hacen en distintos talleres de Chile. La nota logra comunicarnos e involucrarnos en la angustiada circunstancia de la *arpillerista* y en su contexto social y comunitario.

POR TAPETES INFAMANTES

Ministro ordenó una amplia investigación

■ Una amplia investigación ordenó el ministro sumariante Carlos Letelier, en torno a la petición formulada por el Ministro del Interior para que se instruyera proceso por infracción a la Ley de Seguridad, en contra de Chinda Pérez de Acuña, la que aparece involucrada en el envío al exterior de tejidos artesanales "con motivos de evidente contenido político antichileno".

La información fue conocida en medios judiciales. Además trascendió que Chinda Pérez, denunciada por el Ministro Sergio Fernández, deberá prestar de claraciones en los próximos días en relación a dos bullos requisados y que tenían los mencionados tejidos artesanales. Uno de éstos, se señala en el requerimiento ingresado a la secretaría en lo criminal de la Corte de Apelaciones, "iba remitido por Chinda Pérez de Acuña, vía Swissair, a la ciudad de Basilea, Suiza, cuyo destinatario era Ema Acuña P., con domicilio en Wollmattweg 6, Dornach 4.143, Suiza".

En el escrito también se pide la instrucción de proceso "de todos aquellos que pudieren aparecer involucrados en los hechos denunciados". Se agrega que los dos bullos en cuestión "fueron entregados por la administración de Aduana de Pudahuel a los

servicios de seguridad", y que "la responsabilidad de la mencionada persona, y de todos aquellos que aparezcan como responsables de los referidos delitos, emana del documento de la Central Nacional de Informaciones, el cual se acompaña en el primer requerimiento".

30

Mulheres de um bairro da periferia de Santiago reúnem-se nas ruas para expressar sua opinião e confrontar sua sofrida situação.

Podemos notar a precariedade econômica pela fiação elétrica pendurada, já que não podem pagar suas contas de luz. Apesar de tudo, mostram seus lares coloridos, onde não falta o sol que ilumina a todos, e a Cordilheira tão querida na vida de todos os chilenos. Cada grupo leva um cartaz diferente: "Fora o Tirano!" e "Adeus Pinochet!".

Mujeres pobladoras de un barrio marginal de Santiago se han reunido en las calles a dar su opinión y para confrontar la situación que las aqueja. Podemos percatarnos de su precariedad económica dado que se han colgado de los cables eléctricos ya que no pueden pagar el suministro de luz. A pesar de ello muestran sus hogares coloridos, sin faltar ni el sol que alumbra a todos y la cordillera tan central en la vida de los chilenos. Cada grupo lleva una pancarta diferente: ¡Fuera el tirano! y ¡Adiós Pinochet!

Adeus, Pinochet

Anônima. Chile, fins da década de 1970. Acervo de Heidi e Peter Gessler, Basileia, Suíça

Adiós, Pinochet

Anônima. Chile, fins de la década del 1970. Colección de Heidi y Peter Gessler, Suiza
foto: Colin Peck



31

Esta *arpillera* mostra a repressão exercida pelos soldados carabineiros do Chile aos vendedores ambulantes. A criatividade se baseia aqui na procura de um modo de expressão com elementos mínimos (retalhos de tecidos e lãs geralmente reaproveitados).

Cada ponto dado e cada retalho de pano comunicam a dureza de uma realidade opressiva, mas também testemunha a vocação para superar e compartilhar essa mesma realidade. Esta é a razão pela qual a obra transcende o momento em que foi realizada, pois quem a observa hoje pode identificá-la com fatos semelhantes que ocorrem em muitos lugares. Neste trabalho, o drama é acentuado pelas circunstâncias políticas da época.

Esta arpillera, que muestra la represión ejercida por los Carabineros de Chile a los vendedores ambulantes, da cuenta de lo vivido por la artista. La creatividad se basa aquí en la búsqueda de un modo de expresión con elementos mínimos (restos de telas y lanas generalmente deshechadas). Cada puntada y cada trozo de tela comunica la dureza de una realidad opresiva, pero también testimonia la vocación por superarla y compartirla. Esta es la razón por la cual la obra trasciende el momento en que fue realizada, pues quienes la contemplan hoy pueden empatizar con hechos parecidos que ocurren en distintas partes del mundo. En esta obra el dramatismo se ve acentuado por las circunstancias políticas de la época.

Repressão aos vendedores ambulantes
Anônima. Chile, aproximadamente 1983.
Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Represión a vendedores ambulantes.
Anónima. Chile, aproximadamente 1983.
Colección Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh



Arpilleristas e catadores

Anónima. Chile, fins da década de 1970. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Arpilleristas y cartoneros

Anónima. Chile, finales de la década 70. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania
foto: Colin Peck



Juntos na adversidade

Anónima. Chile, início da década de 1980. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Juntos en la adversidad

Anónima. Chile, a comienzos de los 80. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania

foto: Martin Melaugh

Esta *arpillera* nos mostra uma fábrica fechada. É nesse contexto que os habitantes procuram soluções comunitárias para seus problemas imediatos e, ao mesmo tempo, são distribuídas tarefas a cumprir. A panela comum está no centro, como forma coletiva de combater a fome.

Embora esta *arpillera* siga o padrão clássico ao só usar retalhos, ela é única, pois utiliza tela de camuflagem militar como base da tapeçaria para representar a Cordilheira dos Andes. Esse detalhe indica que algum familiar das artesãs foi chamado a prestar serviço militar.

Esta arpillera nos muestra una fábrica cerrada. Es en este contexto que los pobladores buscan soluciones comunitarias a sus problemáticas inmediatas y, al mismo tiempo, se distribuyen roles y tareas. La olla común está al centro como una forma colectiva de combatir el hambre.

Si bien esta arpillera sigue el modelo clásico al utilizar sólo restos de telas, es única en cuanto usa tela militar de camuflaje como material para representar la cordillera de Los Andes. Tal detalle indica que algún familiar de las arpilleristas ha sido conscripto y ha realizado el servicio militar.

Esta *arpillera* indica exaustivamente o trabalho humanitário que o Vicariato de Solidariedade desenvolveu no Chile, e nos demonstra que em muitas circunstâncias bélicas são as Organizações Não Governamentais (ONGs) que assumem a proteção aos direitos dos cidadãos, trabalho que legalmente pertenceria ao Estado.

Como se pode observar nesta detalhada *arpillera*, o apoio aos familiares dos desaparecidos, aos prisioneiros políticos e aos exilados foi levado adiante com o amparo das Igrejas e nos edifícios que lhes pertenciam. É necessário ressaltar que tanto a Igreja Católica do Chile como as Igrejas Protestantes apoiaram a organização e a reconstrução do tecido social e atenderam as necessidades vitais mais urgentes dos pobres e dos perseguidos do país.

Esta arpillera, que da cuenta exhaustiva de la labor humanitaria que desarrolló la Vicaría de Solidaridad en Chile, pone de manifiesto que en muchas circunstancias de guerra y conflicto son las Organizaciones No Gubernamentales las que asumen la protección de los derechos de los ciudadanos, labor que de hecho y jurídicamente le corresponde a los Estados.

Como se puede observar en esta detallada arpillera, la labor de apoyo a los familiares de los desaparecidos, presos políticos y exiliados se llevó a cabo bajo el amparo de la iglesia y en los edificios que le pertenecían. Preciso es señalar que tanto la Iglesia Católica de Chile, como las iglesias de credo protestante, apoyaron la organización y la reconstitución del tejido social y las necesidades vitales más urgentes de los pobres y perseguidos del país.



Vicariato de Solidariedade

Anónima. Chile, maio de 1988. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Vicaría de Solidaridad

Anónima. Chile, mayo 1988. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania
foto: Colin Peck



Detalhe
Vicariato de
Solidariedade

Detalle
Vicaría de
Solidaridad



Detalhe
Vicariato de
Solidariedade

Detalle
Vicaría de
Solidaridad



João Paulo, nós te esperamos

Anónima. Chile, 1987.
Acervo Kinderhilfe Chile /
Bonn, Alemanha

Juan Pablo, te esperamos

Anónima. Chile, 1987.
Colección Kinderhilfe Chile/
Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh

À luz do debate já esboçado em 1978, que se referia ao apoio da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes na proteção dos Direitos Humanos, não é uma surpresa encontrar esta *arpillera*, feita em 1987, que expõe as esperanças de mulheres que assistiram a uma das atividades públicas que marcaram a visita oficial do papa João Paulo II ao Chile. O papa esteve no país entre 1 e 6 de abril daquele ano. As mulheres o vêem como numa visita pastoral a serviço das necessidades do povo. Levam um cartaz no qual lhe dão as boas vindas e outro em que apelam ao papa para que apoie um processo de paz e justiça.

A la luz del debate planteado ya en 1978, que hace referencia al apoyo de la iglesia católica y de las iglesias protestantes en la protección de los derechos humanos, no es una sorpresa encontrarnos con esta arpillera hecha en 1987, la que expone las esperanzas de mujeres que asistieron a una de las actividades públicas en las que se enmarcó la visita oficial del Papa Juan Pablo II a Chile. El Papa estuvo en el país entre el 1 y el 6 de abril de ese año. Las mujeres la sienten como una visita pastoral al servicio de las necesidades del pueblo. Portan una pancarta en la cual le dan la bienvenida y otra en que apelan al Papa para que apoye un proceso de paz y justicia.



Caim, onde está seu irmão?

Anónima. Chile, aproximadamente 1982.
Acervo Kinderhilfe Chile /
Bonn, Alemanha

Cain, ¿dónde está tu hermano?

Anónima. Chile, aproximadamente 1982.
Colección Kinderhilfe Chile/
Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh

Esta *arpillera* nos traz uma cena desenvolvida num recinto religioso. Certamente os participantes haviam se reunido para discutir e planejar ações cujo objetivo era buscar o paradeiro de desaparecidos. O teor da reunião é a pergunta: “Caim, onde está seu irmão?”. Notamos uma atividade organizada, apoiada na leitura de uma passagem da Bíblia e no símbolo da luz: humildes velas acesas. Muito do trabalho realizado sob o amparo das Igrejas representava a prática desta mensagem bíblica: “Não podemos permanecer calados diante do que temos visto e ouvido” (Atos 4:20).

Esta arpillera nos acerca a una escena desarrollada en el interior de un recinto religioso. Ciertamente, los/as participantes se han reunido a discutir y planificar acciones tendientes a dar con el paradero de personas que han desaparecido. El tenor de la reunión es la interpelación: “Cain, ¿dónde está tu hermano?”. Notamos una actividad planificada que se apoya en la lectura de un pasaje de la Biblia y en el símbolo de la luz: humildes velas encendidas. Mucho del trabajo realizado bajo el amparo de las iglesias obedecía a la puesta en práctica del siguiente mensaje bíblico: “No podemos callar lo que hemos visto y oído.” (Hechos 4,20).

As artesãs dessa época, num cotidiano pleno de repressão política, encontraram nas oficinas de *arpilleras* um espaço acolhedor e um modo livre para se expressar além do próprio âmbito particular. Ao mesmo tempo, deixaram um testemunho de suas respostas aos acontecimentos que as rodeavam e afetavam, “o passado presente”, nas palavras do filósofo e antropólogo francês Paul Ricoeur.

Las arpilleristas de estos años, intervenidas en lo cotidiano por la represión política, encontraron en estos talleres un espacio y un medio amable y libre para expresar sus circunstancias más allá del ámbito privado. Al mismo tiempo dejaron testimonio de sus respuestas a los acontecimientos que las rodeaban y afectaban. En palabras de Paul Ricoeur, filósofo y antropólogo francés, “el pasado presente”.

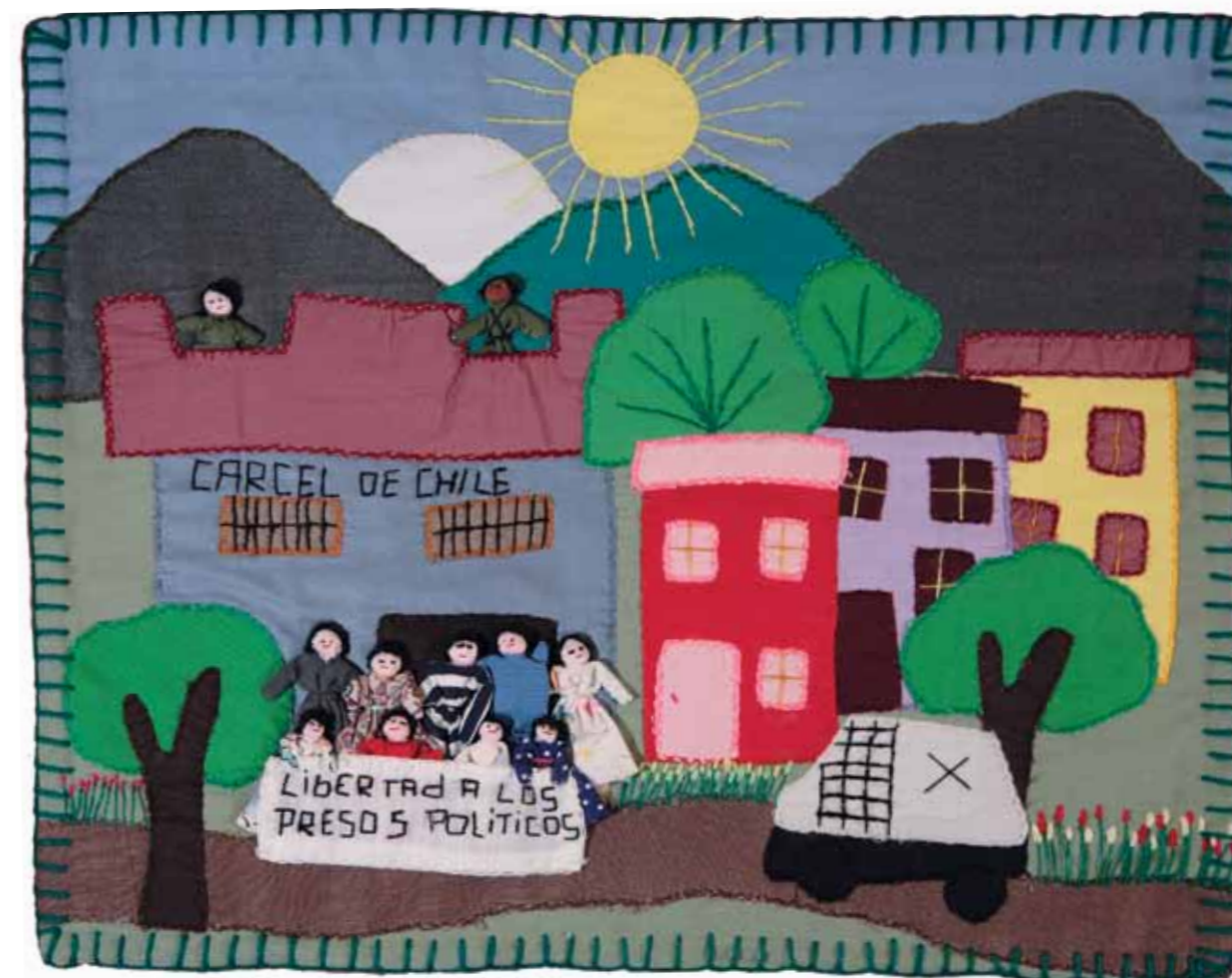


Panfleteando em Santiago em 1979
Anônima. Chile, 1979.
Acervo Jacquie Monty, Inglaterra

Panfleteando en 1979 en Santiago
Anônima. Chile, 1979.
Colección Jacquie Monty, Inglaterra
foto: Martin Melaugh

Os temas que as mulheres chilenas trataram nas *arpilleras* foram muito diversos: representações de cenas da vida cotidiana, suas experiências e pontos de vista sobre a ditadura, situações de vulnerabilidade em relação aos direitos humanos, suas lutas individuais e coletivas, mensagens de paz e diálogo, propostas políticas e apelos à reconciliação e à fraternidade. Esta *arpillera* fala por si.

Las temáticas que trataron estas mujeres chilenas en las arpilleras fueron muy diversas: representaciones de escenas de la vida cotidiana, sus experiencias y puntos de vista acerca de la dictadura, situaciones de vulneración a los derechos humanos, sus luchas individuales y colectivas, mensajes de paz y diálogo, propuestas políticas y llamados a la reconciliación y la hermandad. Esta arpillera habla por sí sola.



Liberdade para os presos políticos
Anônima. Chile, início da década de 1980. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Libertad a los presos políticos
Anônima. Chile, início da década del 80. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh

Há muitas versões desta ação não violenta que inspirou ativistas e artistas do mundo inteiro. Esta que é agora exibida no Memorial da Resistência de São Paulo pertence a Sean Carroll, que a adquiriu no Vicariato de Solidariedade quando assistiu como observador às eleições de 1989, as quais derrotaram o general Augusto Pinochet. Durante vários anos, esta *arpillera* ocupou lugar de destaque nos escritórios do Clube de Madrid.

Existen muchas versiones de esta acción no violenta que ha inspirado a activistas y artistas de todo el mundo. La que se exhibe ahora en el Memorial de la Resistencia de Sao Paulo, pertenece a Sean Carroll, quien la adquirió en la Vicaría de Solidaridad cuando asistió en calidad de observador de las elecciones de 1989 que derrocaron al General Augusto Pinochet. Durante varios años esta arpillera ocupaba un lugar destacado en las oficinas del Club de Madrid.

Acorrentados
Anónima. Chile, aproximadamente 1980. Acervo Sean Carroll, Estados Unidos

Encadenamiento
Anónima. Chile, aproximadamente 1980. Colección Sean Carroll, Estados Unidos
foto: Martin Melaugh



Não à impunidade
Anónima. Chile, início da década de 1980. Acervo Lala e Austin Winkley, Londres, Inglaterra

No a la impunidad
Anónima. Chile, início da década de 1980. Colección Lala y Austin Winkley, Londres, Inglaterra
foto: Tony Boyle

A ministra da Justiça Mónica Madariaga pessoalmente redigiu em 1977 o Decreto-Lei 2191, conhecido como Lei da Anistia, promulgado em abril de 1978. Essa lei, aos cinco anos do golpe de Estado que derrotou o governo democrático de Salvador Allende, buscava impedir as investigações judiciais em todos os casos de violações aos Direitos Humanos ocorridos entre 1973 e 1978, com a única exceção do assassinato do ex-ministro de Relações Exteriores Orlando Letelier, morto em um atentado a bomba na cidade de Washington (EUA), em 1976. O povo sempre pediu “Não à impunidade”, buscando fazer avançar os processos da Verdade, Justiça e Reconciliação. Recentemente, em 2010, foi apresentado no Parlamento um projeto para eliminar essa lei.

La Ministra de Justicia Mónica Madariaga personalmente redactó en 1977 el decreto ley 2191, conocida como Ley de Amnistía. Fue promulgada en abril de 1978. La normativa, dictada a cinco años del Golpe de Estado que derrocó al gobierno democrático de Salvador Allende, buscaba impedir las investigaciones judiciales de todos los casos de violaciones a los Derechos Humanos cometidas entre 1973 y 1978, con la sola excepción del asesinato del ex ministro de Asuntos Exteriores Orlando Letelier, quien murió en un atentado con bomba ocurrido en Washington, en 1976. El pueblo siempre demandó: No a la Impunidad a modo de avanzar en los procesos de Verdad, Justicia y Reconciliación. Recién en el 2010 se presentó al parlamento un proyecto que deroga esta ley.

“ Soy la madre de Isidro Pizarro Meniconi, quien fue detenido y luego desapareció el 19 de noviembre de 1974. Toda mi familia fue perseguida durante la dictadura militar en 1973. Hoy mis 8 hijos viven en Suiza. Mi esposo no lo pudo soportar y también se fue para vivir cerca de sus hijos y nietos. Yo decidí quedarme. Es duro vivir sola, tan lejos de los seres queridos, pero la esperanza de encontrar a mi hijo desaparecido es lo que me mantiene viva. Les debo mi vida a mis compañeras arpilleristas que me han acompañado en esta cruzada eterna en pos de encontrar a mi hijo. Debido a todo lo insano que he vivido –las protestas en las que he participado, los apaleos que he sufrido, las detenciones durante los años de angustia, desesperación, dolor– llegué a estar hospitalizada (...) Las mujeres de la Agrupación reemplazaron a mi familia, especialmente a mis hermanos y hermanas que me abandonaron después del golpe militar”.

Doris Meniconi Lorca,
en WE, CHILE: Personal Testimonies of the Chilean Arpilleristas, 1996

“ Ayer 4, hemos pasado un gran susto. Perdimos las elecciones. Frei salió elegido, y todos los allendistas tenemos pena. La Democracia Cristiana barrió con el allendismo. El golpe es muy duro. Veremos que sucede ahora”.

Carta de Violeta Parra a su compañero Gilbert, escrita el 5 de septiembre de 1965

“ Las mujeres eran fotografías con una aguja y un delantal; ellas se relacionaron con nosotros a partir de sus vivencias y perspectivas personales (...) Haciendo arpilleras, las arpilleristas recrearon sus propias vidas y las transformaron en verdaderos autorretratos”.

Emma Sepúlveda, en WE, CHILE: Personal Testimonies of the Chilean Arpilleristas, 1996

“ El trabajo de los bordados comenzó, ciertamente, con la anécdota de la hepatitis que alejó a Violeta Parra de sus actividades habituales (...) Pero estas arpilleras de composiciones insólitas y colorido imprevisible no terminaron siendo el pasatiempo para una inmovilidad transitoria: también ahí había un lenguaje para transmitir historias, sueños y conceptos. La misma Violeta lo dijo en alguna entrevista: las arpilleras son como canciones que se pintan”.

Isabel Parra, en El Libro Mayor de Violeta Parra, 1985

“ Luego del golpe militar en Chile, se formó en Suiza un movimiento de solidaridad que se comprometió públicamente en la tarea de apoyar la llegada y acogida de exiliados. Esto se hizo a nivel de Iglesias y de comunidades de base. En este contexto, el Obispo Carlos Camus Larenas, Secretario de la Conferencia Episcopal de Chile, vino a Suiza en 1975 o 1976 a informar sobre la tarea de apoyo a la protección de los derechos humanos y la labor ecuménica que desarrollaba la Vicaría de Solidaridad. Su compromiso de oponerse a la represión y violación de los derechos humanos, hizo que tuviese que dejar su puesto en Santiago y fue enviado a Linares. Yo trabajaba en ese tiempo en el cantón de Aargau para la Iglesia Evangélica Reformada. Mi esposa se acuerda claramente de haber comprado una arpillera alrededor de 1980 en un stand del grupo **Acción por Chile**. (Testimonio de Peter Gessler)

“ Una acción Cristiana Ecuménica fue una obra eminentemente de cristianos, católicos y protestantes, que salió a la luz ante un importante sector de no creyentes: la Verdad de una Iglesia que no conocían. Las parroquias y comunidades cristianas de base, especialmente de la periferia de Santiago, fueron protagonistas calificados en esta empresa. Casas parroquiales, pastores, curas, laicos y laicas se entregaron por entero a la labor de acoger, esconder, acompañar y ayudar a escalar y saltar muros a centenares de hombres y mujeres, cuya vida y libertad peligraba por la persecución política e ideológica más extensa, cruel y criminal que ha conocido Chile en este siglo. Un gran número de favorecidos eran no creyentes, agnósticos y ateos”.

(Pbro. Roberto Bolton, Crónicas de una Iglesia Liberadora, 2000)

“ Las historias quedaron como testimonios veraces (...) Era dramático ver a las mujeres llorar mientras cosían su propias experiencias, pero también era enriquecedor ver cómo –de algún modo– el trabajo también les ofrecía alegría, desahogo y felicidad al ver que eran capaces de crear alivio al poder, simplemente, estar con otras personas y tener la posibilidad de conversar, coser y ser capaces, en definitiva, de confiar en que a través de este registro visual otras personas podrían conocer sus historias”.

Testimonio de Valentina Bonne, artista que trabajó en la organización de talleres de arpilleras entre 1974-1975

Testimonios de arpilleristas, protagonistas y testigos del contexto político chileno 1973 - 1990 recogidos por **Roberta Bacic**

Detalhe
Não à impunidade

Detalle
No a la impunidad

Aqui vemos o tema da poluição ambiental nas populações marginais de Santiago e seus efeitos no cotidiano e na comunidade. Em 1989, uma tecelã da zona oeste de Santiago declarou: "Ao drama do desemprego e do exílio de meus filhos, ainda se soma o ar poluído que temos de respirar. Haja paciência!". Esse é um tema que hoje interessa a todos.

Aquí vemos el tema de la contaminación ambiental en las poblaciones marginales de Santiago y sus efectos en lo cotidiano y comunitario. En 1989 una arpillerista de la zona oriente de Santiago expresó: "Al drama del desempleo, del exilio de mis hijos, súmele el 'esmog' que tenemos que respirar. No hay paciencia". Hoy es un tema que nos concierne a tod@s.



Chega de contaminação
Anônima. Chile, 1983.
Acervo Robert Miller,
Estados Unidos

No más contaminación
Anónima. Chile, 1983.
Colección Robert Miller,
Estados Unidos
foto: Martin Melaugh

O Plebiscito Nacional de 1980 foi um referendo realizado no Chile na quinta-feira, 11 de setembro, mediante o qual se aprovou uma nova Constituição, até hoje vigente. Esta arpillerista mostra claramente o que acontecia aos opositores da ratificação da Constituição implantada pelo regime militar. Surpreende aqui a determinação dos participantes da ação de difusão da campanha do NÃO, tendo em vista a presença hostil dos policiais carabineiros e considerando que, na imagem, algumas das mulheres já foram capturadas e presas no furgão policial. Os bordados desta peça são simples e rudimentares, o que torna ainda mais significativa esta história preservada, viva no tempo, e que podemos associar facilmente a protestos atuais sob regimes opressivos em diversas partes do mundo.

El Plebiscito Nacional de 1980 fue un referéndum realizado en Chile el jueves 11 de septiembre de dicho año, mediante el cual se aprobó una nueva Constitución Política, la que aún está vigente en el país.

Esta arpillerista muestra vívidamente lo que acontecía a quienes se oponían a ratificar la Constitución diseñada por el régimen militar. Sorprende aquí la determinación de los/as participantes en la acción de difusión de la campaña del NO, dada la presencia hostil de carabineros y considerando que – en la imagen – algunas de las mujeres ya han sido capturadas y encerradas en el furgón policial. El cosido de esta pieza es simple y rudimentario, lo cual hace aún más significativa esta historia que se preserva viva en el tiempo y que podemos asociar fácilmente a protestas actuales bajo regímenes opresivos en distintas partes del mundo.



Não podemos nem opinar
Anônima. Chile, fins da década de 1970. Acervo Roberta Bacic

No podemos ni opinar
Anónima. Chile, finales de la década del 70. Colección Roberta Bacic
foto: Martin Melaugh



Queremos democracia

Anónima. Chile, fins da década de 1980. Acervo Sean Carroll, Estados Unidos

Queremos democracia

Anónima. Chile, finales de la década del 80. Colección Sean Carroll, Estados Unidos
foto: Martin Melaugh

Esta *arpillera* foi adquirida por Sean Carroll na loja do Vicariato de Solidariedade, em Santiago do Chile, quando assistia, na qualidade de observador, às eleições de 1989, que derrotaram o general Augusto Pinochet.

Durante muitos anos, esta *arpillera* ocupou lugar de destaque nos escritórios do Clube de Madrid, e desde 2008 participou de numerosas exposições de *arpilleras* e *quilts* (colchas memoriais) em várias partes do mundo, especialmente em contextos que recuperam a memória das várias formas de resistência à opressão.

Nesse período, mulheres e homens das áreas marginalizadas de Santiago participavam ativamente, clamavam por democracia e utilizavam práticas não violentas ao seu alcance.

“Os governos precisam mais das pessoas do que as pessoas dos governos. Se quisermos um *slogan* que expresse em poucas palavras a base filosófica do conceito de resistência civil, este o representa bem” (Michael Randle, *Desafios da não violência*, 2002).

Esta arpillera fue adquirida por Sean Carroll en la sala de ventas de la Vicaría de Solidaridad en Santiago de Chile, cuando asistió en calidad de observador de las elecciones de 1989 que derrocaron al General Augusto Pinochet. Durante varios años esta arpillera ocupó un lugar destacado en las oficinas del Club de Madrid y desde el 2008 ha formado parte de numerosas exposiciones de arpilleras y quilts en diversas partes del mundo, especialmente en contextos que rescatan la memoria de las distintas formas de resistencia a la opresión.

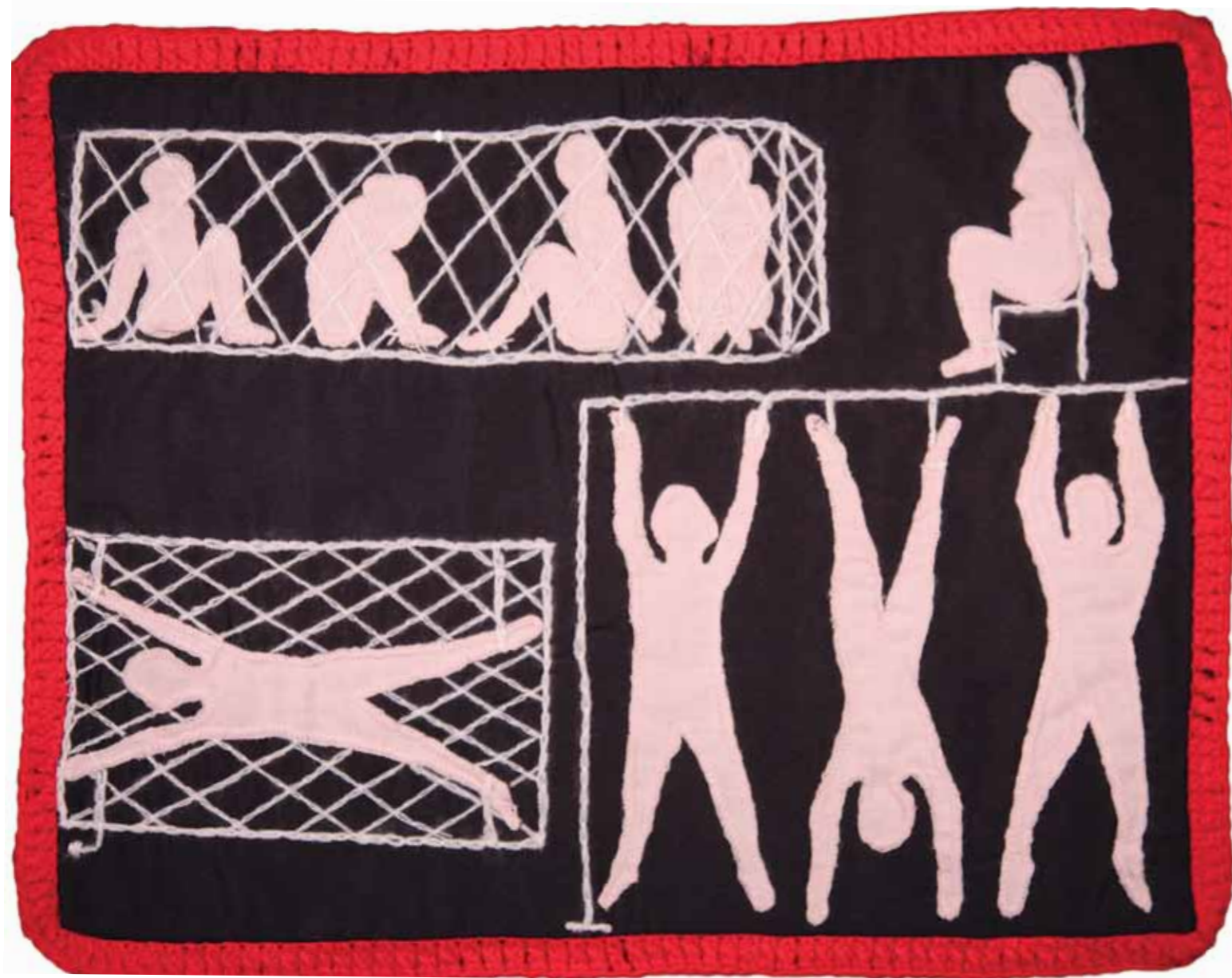
En ese período, mujeres y hombres de las áreas marginalizadas participaban activamente clamando por democracia, utilizando prácticas no violentas que estaban a su alcance.

“Los gobiernos necesitan más a la gente que la gente a los gobiernos. Si uno quisiera un slogan que expresase en pocas palabras la base filosófica del concepto de resistencia civil, éste lo representa bien”. (Michael Randle Desafios de la no violencia, 2002).



Ação do Movimento contra a tortura Sebastián Acevedo. Chile, 1988. Arquivo de Roberta Bacic

Acción del Movimiento contra la tortura Sebastián Acevedo. Chile, 1988. Archivo Roberta Bacic



Sala de torturas

Violeta Morales. Chile, 1992.
Acervo Marjorie Agosin,
Chile / Estados Unidos

Sala de torturas

Violeta Morales. Chile, 1992.
Colección Marjorie Agosin,
Chile/Estados Unidos
foto: Colin Peck

Esta impactante *arpillera* mostra pessoas sendo torturadas. Descreve graficamente a experiência da tortura testemunhada por sobreviventes entrevistados por Violeta Morales durante sua busca pelo irmão desaparecido, Newton. Mostra pessoas desumanizadas, sem traços individuais, passando por uma experiência coletiva e não pessoal, e dirigida expressamente contra determinado grupo de pessoas. Newton Morales aparece na lista de vítimas reconhecidas pela Comissão da Verdade e Reconciliação. Ressalta-se a determinação da artesã em retratar esta experiência desumana e deixar um testemunho indelével. Violeta faleceu em 2008.

Esta impactante arpillera muestra a personas que están siendo torturadas. Gráficamente describe la experiencia de la tortura testimoniada por sobrevivientes a quienes Violeta entrevistó en el proceso de averiguar por el paradero de su hermano desaparecido, Newton.

Muestra a las personas en forma deshumanizada, sin rasgos individuales y como una experiencia no individual sino colectiva, dirigida expresamente a un grupo determinado de personas. Newton Morales aparece en la lista de víctimas reconocidas por la Comisión de Verdad y Reconciliación.

Llama la atención la determinación de la arpillerista de hablar de esta inhumana experiencia y dejar un testimonio indeleble. Violeta falleció en 2008.



Violeta Morales,
reprodução da foto do livro
de Marjorie Agosin, 2008

Violeta Morales,
reproducción de foto del libro
de Marjorie Agosin, 2008

Esta *arpillera* demonstra e registra a participação política das populações marginais de Santiago do Chile. Depois de 17 anos de ditadura militar, a eleição democrática de um presidente democrata cristão é vista como um avanço na história política do país. Paradoxalmente, 25 anos antes, era vista como um passo atrás.

“Ontem, dia 4, passamos por um grande susto. Perdemos as eleições. Frei foi eleito, e todos nós, allendistas, sentimos a dor. A Democracia Cristã varreu o allendismo. O golpe é muito duro. Veremos o que acontece agora” (carta de Violeta Parra ao seu companheiro Gilbert, escrita em 5 de setembro de 1965).

A lona desdobrada utiliza o *slogan* da campanha eleitoral que acabou com a ditadura: “A gente ganhou”.

Esta arpillera plasma y verbaliza públicamente la participación política de los habitantes de las poblaciones marginales de Santiago de Chile. Luego de 17 años de dictadura militar, la elección democrática de un presidente Demócrata Cristiano es vista como un avance en la historia política del país. Paradojalmente, 25 años antes, era vista como un paso atrás. “Ayer 4, hemos pasado un gran susto. Perdimos las elecciones. Frei salió elegido, y todos los allendistas tenemos pena. La Democracia Cristiana barrió con el allendismo. El golpe es muy duro. Veremos que sucede ahora”. (Carta de Violeta Parra a su compañero Gilbert, escrita el 5 de septiembre de 1965).

El lienzo desplegado usa el slogan de la campaña electoral que puso fin a la dictadura: GANÓ LA GENTE.

A gente ganhou

Anónima. Chile, fins da década de 1980. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Ganó la gente

Anónima. Chile, finales de la década del 80. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh



O retorno dos exilados

Victoria Díaz Caro. Chile, 1992. Acervo Kinderhilfe Chile / Bonn, Alemanha

Retorno de los exiliados

Victoria Díaz Caro. Chile, 1992. Colección Kinderhilfe Chile/Bonn, Alemania
foto: Martin Melaugh



Para muitos chilenos forçados ao exílio, a perda do seu direito de viver no Chile marcou tanto suas vidas como a de seus familiares e amigos.

O retorno dos exilados foi um assunto que adquiriu grande relevância durante o governo de transição que começou em 1990, no mandato do presidente Patricio Aylwin Azócar. Ainda que não faça parte da Comissão Nacional da Verdade e da Reconciliação, conhecida como Comissão Rettig, a Lei 18.994 criou o Escritório Nacional do Retorno, em agosto de 1990. Funcionou até 1994 e considerou 52.557 denúncias provenientes de setenta países. O maior número provinha da Suécia, Argentina, Canadá, França e Alemanha.

Para muchos chilenos que fueron forzados a vivir en el exilio, la pérdida del derecho a vivir en Chile marcó tanto sus vidas como la de sus familiares y amigos. El retorno de los exiliados fue un tema que adquirió gran relevancia durante el gobierno de transición que comenzó en 1990 bajo el mandato del Presidente Patricio Aylwin Azócar. Aún cuando no fue parte de la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación, conocida como Comisión Rettig, la ley 18.994 creó la Oficina Nacional del Retorno en agosto de 1990. Estuvo en funcionamiento hasta 1994 y consideró 52.557 denuncias de personas provenientes de 70 países. El mayor número provenía de Suecia, Argentina, Canadá, Francia y Alemania.

Breve biografia

Breve biografia

Roberta Bacic

Filha de imigrantes europeus, nasceu em Santiago do Chile em 1949. Graduiu-se como professora de Filosofia e Inglês. Lecionou na Universidade Austral, na cidade de Valdivia, de dezembro de 1973 a janeiro de 1981, quando foi exonerada por motivos políticos.

A partir de 1982 atuou como professora de inglês, primeiro no Instituto Alemão “Carlos Anwandter” de Valdivia, em seguida no Colégio “San Mateo” de Osorno, notáveis estabelecimentos educacionais do sul de Chile.

Prestou serviços como pesquisadora na Comissão Nacional de Reparação e Reconciliação, tarefa desempenhada no escritório regional de Temuco de 1º de fevereiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996 – data em que se encerrou a existência legal da Comissão. No mesmo período, foi professora do curso de Direitos Humanos na Universidade Católica de Temuco e integrou uma equipe de pesquisa interdisciplinar.

Após a extinção da Comissão e diante da frustração de não ver avanços significativos em matéria de Direitos Humanos em seu país, solicitou o posto de Encarregada de Programas e Desenvolvimento na “Internacional de Resistentes à Guerra” (IRG/WRI), com sede em Londres. Exerceu esse cargo a partir de fevereiro de 1998.

No intuito de transmitir os processos de resistência, da memória e da procura da justiça e da verdade em contextos repressivos, recorreu ao uso das narrativas presentes nas *arpilleras*, expressão de arte popular têxtil que as mulheres chilenas desenvolveram durante a ditadura militar de Augusto Pinochet. Com elas foi preservada boa parte da memória dos fatos repressivos e de seu impacto na vida cotidiana de muitas mulheres chilenas, de suas famílias e da sociedade como um todo.

Desde 2008, Roberta montou mais de trinta exposições internacionais de *arpilleras*, as quais têm sido fonte de inspiração para mulheres de vários países, estimulando-as a representar, por meio dessa arte, suas condições de vida pessoais e comunitárias, afetadas pelas violações aos Direitos Humanos.

Desde 2004, reside na Irlanda do Norte, Reino Unido, de onde se dedica a organizar exposições internacionais de *arpilleras* e *quilts* (colchas memoriais).

www.cain.ulst.ac.uk/quilts

Roberta Bacic Herzfeld, hija de inmigrantes europeos, nació en Santiago de Chile el año 1949. Se tituló como profesora de Estado de Filosofía e Inglés. Fue docente de la Universidad Austral en la ciudad de Valdivia desde diciembre de 1973 hasta enero de 1981, cuando fue exonerada por razones políticas.

A partir de 1982 se desempeñó como profesora de inglés, primero en el Instituto Alemán “Carlos Anwandter” de Valdivia y luego en el Colegio “San Mateo” de Osorno, prestigiosos establecimientos educacionales del sur de Chile.

Prestó servicios como investigadora en la Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación, tarea que desempeñó en la oficina regional de Temuco desde el 1º de febrero de 1993 al 31 de diciembre de 1996 (fecha en que concluyó la existencia legal de la Corporación). Durante el mismo período, fue profesora del curso de Derechos Humanos en la Universidad Católica de Temuco e integró un equipo de investigación interdisciplinaria.

Al cierre de la Corporación, y ante la frustración de no ver avances significativos e integrales en materia de DD.HH en su país, postuló al cargo de Encargada de Programas y Desarrollo en la Internacional de Resistentes a la Guerra con sede en Londres. Ejerció dicho cargo a partir de febrero de 1998.

Como una manera de transmitir los procesos de resistencia, memoria y búsqueda de verdad y justicia en contextos represivos, recurrió al uso de las narrativas presente en las “arpilleras”, expresión de arte textil popular que desarrollaron mujeres chilenas durante la Dictadura Militar de Augusto Pinochet. Con ellas se ha preservado buena parte de la memoria de los hechos represivos y su impacto en la vida cotidiana de muchas mujeres chilenas, sus familias y la sociedad.

Desde el año 2008 ha montado más de 30 exposiciones internacionales de arpilleras, las cuales han sido fuente de inspiración para mujeres de distintos países, estimulándolas a representar mediante este arte, los ámbitos de la vida individual y comunitaria afectados por las violaciones a los Derechos Humanos.

Desde el 2004 reside en Irlanda del Norte, Reino Unido, y desde allí se dedica a organizar exposiciones internacionales de arpilleras y quilts. www.cain.ulst.ac.uk/quilts

Agradecimentos

Agradecimientos

A existência desta exposição só é possível graças ao trabalho de muitas mulheres lutadoras chilenas que em tempos de adversidade tiveram a coragem de manter a dignidade e costuraram suas histórias para que elas não fossem esquecidas. Também temos de agradecer aos amigos e conhecidos, homens e mulheres que divulgaram as *arpilleras* nesta e em outras exposições em diferentes partes do mundo.

Deixo meu reconhecimento, também, às pessoas que cederam seus livros, ajudaram na pesquisa e discutiram comigo o tema das *arpilleras* e suas lembranças.

Agradeço, também, a todos aqueles que acreditaram neste projeto e abriram as portas de museus, universidades, galerias de arte, centros comunitários, Embaixadas do Chile em diversos países etc.

Agradeço aos fotógrafos Tony Boyle, Martin Melaugh e Colin Peck. Durante muito tempo eles fotografaram cada uma das *arpilleras* em diferentes lugares e contextos, preservando-as assim em arquivo digital na Universidade de Ulster, Irlanda do Norte.¹

Por último, um obrigado ao poeta e amigo Jaime Huenún, que colaborou com seu poema “*Las mujeres salieron a la noche*”, incluído neste catálogo, e teve a paciência de ler todos os artigos e contribuir, com sugestões, para sua fluência.

¹ Esse arquivo foi organizado por Martin Melaugh e está disponível em www.cain.

ulst.ac.uk/quilts

Muito obrigada!

Roberta Bacic

Curadora

Irlanda do Norte, julho de 2011

La existencia de este trabajo sólo ha sido posible gracias al trabajo de tantas y tantas mujeres pobladoras chilenas que en tiempos de adversidad tuvieron el coraje de mantener la dignidad y cosieron sus historias para no pasar al olvido. También hemos de agradecer a amig@s y conocid@s que han facilitado sus arpilleras para ésta y otras exposiciones en distintas partes del mundo. Igualmente dejo plasmado el reconocimiento a personas que me han regalado libros, tiempo para buscar en archivos, dialogar sobre este tema y traerlo al presente. También a quienes han creído en este proyecto y han abierto las puertas de museos, universidades, galerías de arte, centros comunitarios, Embajadas de Chile, etc.

No puedo dejar de mencionar acá a los fotógrafos: Tony Boyle, Martin Melaugh y Colin Peck, quienes a lo largo del tiempo se han dedicado a fotografiar cada una de las arpilleras en distintos lugares y contextos y así hemos asegurado la preservación de éstas, que quedan plasmadas en el riguroso archivo digital de la Universidad de Ulster, Irlanda del Norte, que organiza diligentemente Martin Melaugh www.cain.ulst.ac.uk/quilts

Finalmente un GRACIAS al poeta amigo Jaime Huenún, quien contribuyó con su poema “Las mujeres salieron a la noche”, incluido en este catálogo y que tuvo la paciencia de leer cada escrito y aportar con su pluma a su fluidez.

¡Muchas gracias!

Roberta Bacic

Curadora

Irlanda del Norte, julio del 2011

Coleção de *arpilleras* Colección de *arpilleras*

A coleção de *arpilleras*, que há vários anos vem percorrendo o mundo, expõe diferentes temáticas (a paz, a resistência e a comunidade, por exemplo) e tem várias origens:

- Algumas peças pertencem a pessoas que trabalharam o tema *arpilleras* por muitos anos e que, a pedido da curadora, as emprestaram para a exposição.
- Algumas pertencem ao acervo da curadora.
- Algumas pertencem a conhecidos que, havendo adquirido ou recebido *arpilleras* como presente, entre os anos de 1975 e 1992, agora as colocam à disposição da curadora para as diversas exposições.
- Algumas peças pertencem a pessoas que as entregaram à curadora porque viram as exposições ou se informaram sobre elas por diferentes meios.

La colección de arpilleras que ha estado disponible y que ha formado parte de las distintas exposiciones tiene distintas procedencias:

- *Unas pocas pertenecen a personas que han trabajado el tema desde hace muchos años y que las han adquirido durante este proceso. Las han facilitado a pedido de la curadora para exposiciones de acuerdo al tema en desarrollo en cada muestra.*
- *Un número significativo pertenecen a la curadora.*
- *Otro significativo número de arpilleras pertenecen a conocidos que las adquirieron o recibieron de regalo en las décadas de 1975 al 1992 y que las han dejado a disposición de la curadora para las distintas exposiciones*
- *Un número apreciable de piezas pertenecen a personas que habiendo visto las exposiciones o informados por distintas vías de éstas han entregado sus arpilleras para que sean expuestas y están bajo la custodia de la curadora.*

Exposições de *arpilleras* Exposiciones de *arpilleras*

Costurando a paz / *Stitching peace*

16 de fevereiro a 18 de março de 2011,
Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Suíça
18 a 25 de maio de 2011, Kingston, Jamaica

O custo humano da guerra / *The human cost of war*

4 de novembro de 2010 a 15 de janeiro de 2011
Museu da Torre, Union Hall Place, Derry, Londonderry, Irlanda do Norte, Reino Unido

Costurando a resistência – narrativas da vida diária em *arpilleras* chilenas / *Stitching resistance – narratives of daily life in Chilean arpilleras*

12 a 16 de outubro de 2010, Museu da Universidade de Osaka, Japão.
Curadora: Roberta Bacic, Coordenador: Tomoko Sakai, Curador do Museu da Universidade de Osaka: Waka Hirokaw, Gerente de logística: Mio Kubota

Arpilleras chilenas de ontem e de hoje: embaixadoras têxteis *Chilean arpilleras of yesterday and today: textile ambassadors*

16 de setembro de 2010, exposição que marcou o Dia Nacional de Chile (visita restrita, mediante convite)
Embaixada Chilena, 44 Wellington Road, Ballsbridge, Dublin 4, Irlanda.
Curadora: Roberta Bacic

As políticas do cotidiano comum em *arpilleras* chilenas e de outros países / *The politics of the mundane in Chilean and other arpilleras*

27 a 29 de agosto 2010
Art College, Universidade de Ulster, Campus de Belfast, York Road, Belfast, Irlanda do Norte, Reino Unido

Seguindo a linha / *Following the thread*

14 de junho de 2010 (visita restrita); 21 a 27 de junho de 2010
Community Base, World Museum, Liverpool, Inglaterra

Arpilleras do Chile – uma retrospectiva / *Arpilleras aus Chile – eine retrospektive*

6 a 28 de maio de 2010, Embaixada Chilena, Mohrenstraße 42, 10117, Berlim, Alemanha

Arpilleras: embaixadoras para o Bicentenário / *Arpilleras*: embajadoras para el Bicentenario

14 de abril a 20 de maio de 2010, Consulado Geral do Chile, 866 United Nations Plaza, New York, NY, Estados Unidos

Vozes em tapeçarias / *Voices on tapestries*

8 a 31 de março de 2010, Embaixada do Chile, 37-41 Old Queen Street, Londres, Inglaterra

Histórias culturais em têxteis / *Cultural stories in textiles*

25 a 27 de fevereiro de 2010, Harpur's Hill Community Centre, Lisnablagh Road, Coleraine, Irlanda do Norte, Reino Unido.

Arpilleras* habitadas por memórias / *Arpilleras habitadas de memoria

14 de janeiro a 26 de fevereiro de 2010, Centre d'Informació per le Dones, Ajuntament de Barcelona, Espanha

O custo humano da guerra / *The human cost of war*

8 a 21 de novembro de 2009, Movimento para a abolição de guerra, Museu de Guerra Imperial, Londres, Inglaterra
 •Saint Ethelburgh's Peace and Reconciliation Centre,
 •White Chapel Art Gallery, Londres, Inglaterra

Linhas da vida: colchas memoriais e *arpilleras* que falam / *Threads of life: quilts and arpilleras that speak out*

16 de outubro a 1º de novembro de 2009, Community Base, World Museum, Liverpool, William Brown Street, Liverpool, Inglaterra

Encontrando nossas vozes – o poder das *arpilleras*

Finding our voices – the power of *arpilleras*
 29 de setembro a 10 de outubro de 2009, Communities Connect, DKIT Dundalk Institute of Technology, Dundalk, Irlanda

Linhas do destino: testemunhos de violência, esperança e sobrevivência / *Threads of destiny: testimonies of violence, hope and survival*

9 de maio a 26 de julho de 2009, Exposição Internacional na Alemanha, Frauen em Der Einenwelt, Museu das Mulheres, Fürth, Alemanha

Arpilleras* que clamam / *Arpilleras that cry out

22 de junho a 10 de julho de 2009, Flowerfield Arts Centre, Coleraine Borough Council, Portstewart, Irlanda do Norte, Reino Unido

Arpilleras* / *Arpilleras

2 a 31 de março de 2009, Irish School of Ecumenics, Belfast, Irlanda do Norte, Reino Unido

A arte da sobrevivência: as tapeçarias da resistência das mulheres chilenas / *L'art de la supervivència: les veus de la resistència de les dones xilenes*

4 de novembro a 12 de dezembro de 2008, Centro para Igualdade das Mulheres e dos Homens, Barcelona, Espanha

***Arpilleras* e Quilts que clamam, desafiam e questionam**

Arpilleras / *Quilts that cry out, challenge and question*
 12 a 14 de novembro de 2008, Rotterdam, Holanda. Seleção de peças especialmente curadas por Roberta Bacic para o Fórum Global em Liderança para Sociedades Compartilhadas, Clube de Madrid

As políticas das *arpilleras* chilenas / *The politics of Chilean arpilleras*

23 a 31 de outubro de 2008, Centro de Estudos Latino-Americanos (CLAS), 17 Mill Lane, Universidade de Cambridge, Inglaterra

Arpilleras* chilenas / *Chilean arpilleras

11 de setembro a 11 de outubro de 2008, Centro Cultural Regional, Letterkenny, Irlanda

As políticas das *arpilleras* chilenas / *The politics of Chilean arpilleras*

8 de fevereiro a 13 de abril de 2008, Harbour Museum, Derry, Irlanda do Norte, Reino Unido

Bibliografia

Literatura fundamental referenciada

Agosín, Marjorie. *Tapestries of hope, threads of love: the arpillera movement in Chile 1974-1994*. 2.ed. USA: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

Cooke, Ariel Zeitlin; MacDowell, Marsha (Ed.). *Weavings of war – fabrics of memory*. Chicago: Michigan State University Museum, 2005.

Franger, Gaby. *Arpilleras – cuadros que hablan vida cotidiana y organización de mujeres*. Perú: Movimiento Manuela Ramos, 1988.

Parra, Isabel. *El libro mayor de Violeta Parra*. Madrid: Michay, 1985.

Randle, Michael (Ed.). *Challenge to nonviolence*. Bradford (UK): University of Bradford Press, 2002.

Ricoeur, Paul. *Time and narrative*. v.3. (transl. Kathleen McLaughlin and David Pellauer). Chicago: University of Chicago Press, 1990.

Sepúlveda, Emma. *We, Chile: personal testimonies of the Chilean arpilleras*. New London, USA: Azul, 1996.

Vários autores. *Crônicas de una Iglesia liberadora*. Santiago de Chile: Lom, 2000.

Young, James E. *The texture of memory: holocaust memorials and meaning*. New Haven: Yale University Press, 1993.

Para a preparação deste catálogo a curadora reviu vários testemunhos que lhe foram concedidos entre 1975 e 1995. Além disso, pesquisou revistas internacionais e jornais chilenos da época da ditadura na Biblioteca Nacional de Santiago, e realizou entrevistas telefônicas e por correio eletrônico.

Detalhe
Corte de água
Detalle
Corte de agua



Governo do Estado de São Paulo

Governador do Estado

Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura

Andrea Matarazzo

Secretária-Adjunta

Marília Marton

Chefe de Gabinete

Luís Sobral

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Claudinéli Moreira Ramos

Conselho de Orientação Artística da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Ana Maria Belluzzo

Carlos Alberto Cerqueira Lemos

José Roberto Teixeira Leite

Marilucia Botallo

Paulo Pasta

Paulo Portella Filho

Regina Silveira

Ruth Sprung Tarasantchi

Conselho de Orientação Cultural do Memorial da Resistência de São Paulo

Lauro Ávila Pereira

Luis Francisco da Silva Carvalho Filho

Maurice Politi

Paulo Abrão Pires Júnior

Paulo Sérgio de Moraes Sarmento Pinheiro

Ricardo Augusto Yamasaki

Associação Pinacoteca Arte e Cultura

Organização Social de Cultura

Conselho de Administração

Presidente

Marcelo Secaf

Vice-Presidente

Celso Lafer

Conselheiros

Carlos Wendel Magalhães

Denise Aguiar Alvarez

Fernando Teixeira Mendes Filho

Horácio Bernardes Neto

Isaac Abrão

Julio Landmann

Maria Anna Olga Bonomi

Maria Luisa de Souza Aranha Melaragno

Nilo Marcos Mingroni Cecco

Diretor Executivo

Marcelo Mattos Araujo

Diretor Financeiro

Miguel Gutierrez

Memorial da Resistência de São Paulo

Coordenadora

Kátia Felipini Neves

Ação Educativa

Caroline Grassi Franco de Menezes

Marina de Araujo

Renan Ribeiro Beltrame

Arpilleras

da resistência política chilena

de la resistencia política chilena

Exposição

Curadoria

Roberta Bacic

Coordenação Geral

Kátia Felipini Neves

Assessoria

Clara Kardonsky

Expografia, Execução e Montagem

Núcleo de Expografia e Montagem da Pinacoteca

do Estado de São Paulo

Ação Educativa

Caroline Grassi Franco de Menezes

Comunicação visual e Projeto Gráfico

Zol Design

Vídeo

Como alitas de chincol

Vivienne Barry

Artemia Films, Chile, 2002

Catálogo

Coordenação editorial

Kátia Felipini Neves

Tradução Espanhol/Português

MCY Assessoria Cultural

Revisão e Padronização

Armando Olivetti

Projeto Gráfico

Zol Design

Pré-impressão, impressão e acabamento

Stilgraf

São Paulo, julho de 2011

Memorial da Resistência de São Paulo
Largo General Osório, 66 – Luz
CEP 01213-010 – São Paulo – SP
Telefone: 55 11 3335 4990
memorialdaresistencia@pinacoteca.org.br
www.pinacoteca.org.br

Exposição de 30 de julho a 30 de outubro de 2011
Entrada gratuita de terça-feira a domingo,
das 10h às 17h30

Arpilleras da resistência política chilena /
curadoria Roberta Bacic ; apresentação Mar-
celo Mattos Araújo. - São Paulo: Pinacoteca do
Estado, 2011.

ISBN 978-85-99117-63-7

Exposição realizada no Memorial da Re-
sistência de São Paulo, de 30 de julho a 30 de
outubro de 2011.

1.Artepopular-Chile2.Perseguição política
3. Memorial da Resistência de São Paulo 4. Pi-
nacoteca do Estado de São Paulo - Exposição
I. Apresentação II. Curadoria

CDD 745.5

Esta arpillera nos muestra ~~uno~~
uno de los tantos campamentos
que existen; pueden apreciar
algunos de los problemas que
sucenden en cada choza.
problemas de Matrimonio por no tener
trabajo el esposo, una mujer
viuda llora la muerte de su esposo
unos niños enfermos y el problema
de camas. El principal en esta
arpillera es el Comedor infantil
donde cada día la comida
es un de menos.